



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

DEPARTAMENTO DE TURISMO

BRUNO MELIM GRAZZIOTI

OURO PRETO e a resignificação de espaços vazios:
Um estudo de áreas urbanas estagnadas numa cidade patrimônio

OURO PRETO

2022

BRUNO MELIM GRAZZIOTI

OURO PRETO e a resignificação de espaços vazios:
Um estudo de áreas urbanas estagnadas numa cidade patrimônio

Monografia apresentada ao curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientador: Prof. Me. Marcelo Viana Ramos

OURO PRETO
2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

G785o Grazzioti, Bruno Melim.

Ouro Preto e a resignificação de espaços vazios [manuscrito]: um estudo de áreas urbanas estagnadas numa cidade patrimônio. / Bruno Melim Grazzioti. - 2022.

60 f.: il.: color., gráf., mapa.

Orientador: Prof. Me. Marcelo Ramos.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Turismo .

1. Turismo. 2. Ouro Preto (MG). 3. Lazer. 4. Covid-19. 5. Urbanização.
I. Ramos, Marcelo. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 72:711.4

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



FOLHA DE APROVAÇÃO

Bruno Melim Grazzioti

“OURO PRETO e a resignificação de espaços vazios: Um estudo de áreas urbanas estagnadas numa cidade patrimônio”

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo

Aprovada em 14 de junho de 2022

Membros da banca

Profa. Dra. Carolina Lescura de Carvalho Castro Volta - Universidade Federal de Ouro Preto

Profa. Dra. Alissandra Nazareth de Carvalho - Universidade Federal de Ouro Preto

Prof. Me. Marcelo Viana Ramos (Orientador) - Universidade Federal de Ouro Preto

Prof. Me. Marcelo Viana Ramos,
orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 30 de junho de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Viana Ramos, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/03/2023, às 20:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0494129** e o código CRC **6136DDB9**.

Dedico este trabalho a minha família, amigos e professores, pelo apoio e incentivo durante todo o trajeto até aqui.

**“Não cessaremos de explorar, e o fim de
nossa exploração será quando chegarmos
aonde começamos e conhecer o lugar pela
primeira vez.”**

T.S. Elliot

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeira e unicamente à minha mãe Rita, pela paciência, interesse e ao amor que me proporcionou durante a confecção deste trabalho.

Mas também aos Professores Isabela Frederico, Kerley Santos, e em especial meu orientador Marcelo Ramos, pelas conversas e pela compreensão.

À minha família, em especial minha irmã Rafaela por me aguentar em momentos de ansiedade.

Aos meus amigos e/ou colegas de curso Ana Beatriz, Felipe Borges, Libiny Aquino, Matheus Gomes e Raissa Fagundes, pelos encontros, companhias e motivação em tempos difíceis

Às diversas casas que morei, pelas experiências que vivi e as consequentes adaptações que passei.

E, por fim, gostaria de agradecer às minhas cachorras Nala e Berenice, pelo aprendizado e pelo constante ensinamento sobre paciência, sendo elas o motivo primordial da confecção deste trabalho e de minha inquietação sobre o mesmo.

RESUMO

Este trabalho busca analisar a situação dos de espaços em desuso no contexto urbano de Ouro Preto e suas possibilidades, e necessidades, de resignificação. O objetivo deste trabalho é analisar a funcionalidade de espaços turísticos na cidade de Ouro Preto, desenvolver a discussão acerca do uso desses espaços, das políticas públicas e de perspectivas no contexto da resignificação turística e socioespacial. A pesquisa continua em torno da análise central sobre o conhecimento de diversas áreas intituladas de “espaços vazios”, delimitando esse conceito e suas materializações, buscando aproximar este tema do turismo e distancia-lo da arquitetura como única solução possível, assim, visamos avançar na compreensão da morfologia social, cultural e material de uma cidade turística tão importante. Foi utilizada como metodologia a pesquisa qualitativa, etnográfica e digital, pesquisa bibliográfica. Nesse contexto, selecionamos 04 espaços relevantes para Ouro Preto, e que se enquadram no nosso objeto de problematização, os Espaços Vazios e sua possível potencialidade turística, partimos para investigação documental e bibliográfica, complementada pela aplicação de questionários e entrevistas, além do trabalho de caráter observacional e experimental, para entendermos o relacionamento da população e dos turistas com os espaços estudados. A problemática dos “espaços vazios” se mostrou um tema de extremo protagonismo na modernidade, onde Ouro Preto e sua configuração como cidade patrimônio mostrou-se ser um cenário perfeito para a nossa investigação e discussão sobre o tema proposto, principalmente se considerarmos a necessidade de uma evolução sobre a discussão entre turismo, evolução e produção do espaço, durante e depois da pandemia do Covid-19.

Palavras-chave: Ouro Preto, Lazer, Vazios Urbanos, *Terrain Vague*, Urbanização, Covid-19, Turismo.

ABSTRACT

The aim of this text is to analyze the situation of the unused spaces in the urban context of the city of Ouro Preto and its possibilities, and necessities of resignification. The objective of this text is to analyze the functionality of the turistic spaces in the city, desenvolving a discussion of the use of these spaces, its public policies and perspectives. The central analysis of this text circles around the knowledge of various areas titled "empty spaces", delimiting this concept and its materializations, searching and enclosure of this theme to the area of tourism and distancing it from the architectural point of view of a construction as the Only solution to this problematic. The methodology used of this text was a qualitative, ethnographic, digital and bibliographical researches. In this context, we gathered 04 relevant spaces for Ouro Preto, starting on the bibliographical and documental research, complemented by the application of questionnaires and interviews, and by the observational and experimental view gathered from these spaces. The "empty spaces" problematic showed itself as a theme with extreme protagonismo in the modernity, where Ouro Preto and its configuration as a patrimonial city became a perfect cenary for our investigation and discussion about this theme, mainly because of how the Covid-19 pandemic showed the world of the need for evolution in the way that we produce, and "turistify" our cities.

Keywords: Ouro Preto, Leisure, Urban Voids, Terrain Vague, Urbanization, Covid-19, Tourism

Lista de Figuras

Figura 1 - Exemplo de vazio-paisagem.....	8
Figura 2 - Exemplo de vazio-expectante.....	9
Figura 3 - Exemplo de Vazio infra-estrutural.....	13
Figura 4 - Exemplo de Vazio de cedência.....	13
Figura 5 - Exemplo de Vazio interior coletivo.....	14
Figura 6 - Parque Olímpico do Rio de Janeiro.....	17
Figura 7 - Grafites do projeto CURA em prédios.....	18
Figura 8, 9, 10 e 11 - Configurações arquitetônicas da Praça Tiradentes no tempo.....	33
Figura 12 - Mapa dos espaços estudados.....	37
Figura 13 – Jogo de Cartas na Ponte da Barra.....	38
Figura 14 e 15 - Praça da UFOP e infraestrutura para o evento ENEJ.....	40
Figura 16 - Foto antiga da Ponte seca.....	41
Figura 17 – Praça da Ponte seca.....	41
Figura 18 e 19 - Diferença na manutenção do Morro da Forca	42
Figura 20 - Mapa de Ouro Preto com foco nas áreas verdes.....	48
Figura 21 – Roda de Cores.....	49
Figura 22 - Mapa de Fluxo de Ouro Preto.....	50
Figura 23 – Evento CineOP na Praça Tiradentes.....	52
Figura 24 – Evento CineOP nos Bairros.....	52
Figura 25 - “Espaço vazio” propício para filmes na Igreja São Francisco de Assis.....	53
Figura 26 - Intervenção artística urbana Tapume+Arte.....	54
Figura 27 – Grafite na trilha do trem na Barra.....	54

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Tempo de permanência em Ouro Preto.....	45
Gráfico 2 - Avaliação turística do Horto dos Contos.....	45
Gráfico 3 - Avaliação turística do Morro da Forca.....	46
Gráfico 4 - Avaliação turística da Praça da Ponte Seca.....	46
Gráfico 5 - Avaliação turística da Praça da UFOP.....	47

OURO PRETO e a resignificação de espaços vazios: Um estudo de áreas urbanas estagnadas numa cidade patrimônio

SUMÁRIO

Introdução	1
Cap 1: Vazios Urbanos e os Não-Lugares: Interfaces conceituais	3
1.1 Vazios Urbanos: Uma Delimitação Teórica.....	4
1.2 Perspectivas sobre o Vazio.....	7
1.3 Não-Lugares: Apresentação do conceito.....	15
1.3.1 Espaços vazios e não-lugares: materialidades e escalas no mundo.....	17
Cap 2: Resignificação de espaços vazios no contexto do Covid-19	18
2.1 Covid-19 e transformações no mundo do turismo.....	18
2.2 Consequências da quarentena no contexto do lazer e do turismo: entre o medo e o desejo.....	20
2.3 Desafios da reabertura turística.....	24
2.3.1 O mundo do turismo no pós-pandemia – perspectivas.....	25
2.4 Espaços vazios e turistificação no pós-pandemia: A produção de novos imaginários e resignificações.....	27
Cap 3: Espaços Vazios em uma Cidade Patrimônio: O caso de Ouro Preto	31
3.1 Estágios do abandono urbano: Vazio pra quem?.....	34
3.2 Espaços Vazios Característicos de Ouro Preto.....	36
3.2.1 A praça/estacionamento da UFOP.....	39
3.2.2 A praça da Ponte Seca.....	40
3.2.3 O morro da Forca.....	42
3.2.4 O Horto dos Contos.....	43
Cap. 4 Resignificação como estratégia de resgate dos espaços vazios	45
4.1 Resignificação socioespacial dos espaços vazios em Ouro Preto.....	45
4.2 Pensar o vazio: uma análise das possibilidades.....	52
Conclusão	58
Bibliografia	60

Introdução

Este trabalho pretende debater a questão dos espaços em desuso na cidade, em seu contexto histórico, comparando-os com o mesmo problema na contemporaneidade, buscamos delimitar teoricamente os chamados “espaços vazios” e dar exemplos de suas diversas representações, para assim mostrar o protagonismo de um grupo de espaços, nos âmbitos público e privado.

Por se tratar de Ouro Preto, a delimitação de espaços considerados ociosos ou disponíveis para o lazer, tendo em vista sua limitação característica de uma cidade patrimônio, se torna interessante para pensarmos o uso turismo e o enfrentamento, mesmo que temporário, da crise econômica e cultural causada e exposta pela quarentena durante a pandemia. O objetivo geral deste trabalho é analisar a funcionalidade de espaços turísticos na cidade de Ouro Preto, desenvolver a discussão acerca do uso desses espaços, das políticas públicas e de perspectivas no contexto da ressignificação turística e socioespacial.

Dentro dos objetivos específicos da pesquisa estão a análise sobre a dependência do objeto arquitetônico e seu suposto protagonismo como solução para o problema estudado, buscando também aproximar o conceito para a área do turismo.

A principal motivação para esta pesquisa se baseou na minha vivência em Ouro Preto, principalmente pelo uso cotidiano de espaços que eu considerava “vagos” ou em desuso, mesmo que temporariamente, que naquele momento, servia para mim, para o passeio de cachorros em diferentes momentos. Pude observar diversos padrões, conflitos, e outras várias inquietações que me levaram a pesquisar mais sobre o tema e seu suposto protagonismo, principalmente em uma cidade onde as calçadas variam em qualidade e os espaços públicos de lazer são limitados.

Outras motivações para além da pessoal partiram da observação de como estes espaços são utilizados pela indústria do turismo *versus* a apropriação cotidiana destes pela população, gerando a inquietação sobre os possíveis conflitos nessa relação.

O trabalho é dividido em quatro capítulos, onde o primeiro é dividido em três partes, sendo estes uma abordagem teórica multidisciplinar e tentativa de delimitação do conceito de espaço vazio incluindo: a delimitação espacial do tema; e a

comparação e utilização do conceito de “lugar” e “não-lugar” com o intuito de aproximar o nosso objeto de estudo à problemática turística.

O segundo capítulo, dividido em quatro partes, propõe contextualizar nossa discussão meio ao contexto vivido durante a pandemia do Covid-19; as consequências da quarentena no consumo do lazer e do turismo; as perspectivas para a reabertura turística; e as possíveis transformações na urbanização e produção turística.

O terceiro capítulo apresenta a cidade de Ouro Preto como objeto de pesquisa e está dividido em dois tópicos, sendo estes a discussão sobre os estágios do abandono urbano, envolvendo a problemática do “imaginário do medo” no contexto de uma cidade patrimônio; e a pesquisa sobre os espaços vazios característicos de Ouro Preto de acordo com a delimitação teórica do primeiro capítulo e outras delimitações mais específicas dos espaços de lazer da cidade, chegando ao consenso sobre a importância de quatro espaços como nosso objeto central de análise, evidenciando o seu protagonismo dentro do tema.

A metodologia adotada ao longo da pesquisa, envolveu o uso do método qualitativo, que segundo TRIVIÑOS (1987): “O pesquisador deve iniciar sua investigação, apoiado numa fundamentação teórica geral, numa revisão aprofundada da literatura em torno do tópico em discussão, a maior parte do trabalho se realizou durante o processo de desenvolvimento do estudo, com levantamentos e análises in loco.” maior parte do trabalho se realiza no processo de pesquisa, a necessidade da teoria surge em face das interrogativas que se apresentarão no decorrer do estudo. Recorremos ao processo de observação e análise para o desenvolvimento de procedimentos que viabilizassem a identificação de evidências sobre o tema proposto, resultando no levantamento documental e na elaboração de questionário e entrevistas, que subsidiaram nossas conclusões, expostas no último capítulo.

Por fim, o quarto capítulo é dividido em dois tópicos analíticos e conclusivos, trazendo uma cuidadosa avaliação crítica dos questionários e entrevistas aplicadas, que, com o suporte de mapas, nos auxiliaram no apontamento de problemas e similaridades entre os espaços estudados, para assim estipular propostas de ocupação/ressignificação.

Cap 1: Vazios Urbanos e os Não-Lugares: Interfaces conceituais

Um dos grandes problemas da modernidade hoje é a questão do uso do espaço urbano que, somado ao crescimento desenfreado das cidades e logo, à limitação dos espaços, passa a transformar as maneiras de como nos relacionamos com a cidade.

Os processos de urbanização e apropriação do espaço citadino são caminhos eficientes na busca por gerar um maior conforto para os habitantes de determinado lugar. Entretanto, ao se observar os agentes que utilizam esses lugares e as formas como eles são produzidos, é indispensável questionar: para quem é destinado o conforto proporcionado pela urbanização?

No âmbito do turismo, essa busca por conforto se traduz em estilos de viagem voltadas para uma experiência mais individual. A demanda do turista será por espaços produzidos com a finalidade de servi-lo, espaços como os de aeroportos, fastfoods internacionais e shopping centers, os chamados “não-lugares” (AUGÉ, 2005) serão sempre parte dos atrativos, por que passam a ideia de conforto e segurança, independentemente do local visitado.

Sendo assim, o tema dos “espaços vazios” se torna importante na modernidade porque são nesses que também podemos vivenciar o paradigma do conforto: por um lado são acolhedores, porque não tem ninguém ali, mas também podem ser hostis, pois sempre antecedem a chegada do *outro*, sem a certeza da segurança. Com isso, como ressignificar esses lugares, tendo em vista a valorização do espaço na cidade no contexto da produção turística?

Ao contrário do que ocorre numa cidade patrimônio, na maioria das vezes, estes questionamentos levantados não se relacionam diretamente a uma cidade moderna¹, onde cada vazio (de praça, terreno baldio, etc) *será* ocupado de certa forma, ou completamente abandonado, tanto no âmbito público quanto no privado.

¹ A diferença da relação dos espaços vazios na cidade moderna para a cidade patrimônio consiste basicamente que na cidade moderna, estes espaços serão muitas vezes provenientes de instituições privadas que decretaram falência, proibindo o uso do espaço. É interessante também diferenciar a relação do uso cidade-espaço em ambos os casos, onde na cidade patrimônio o espaço será muito mais valorizado, não só em seu valor financeiro, sendo este um dos motivos da confecção deste trabalho.

1.1 Vazios Urbanos: Uma Delimitação Teórica

Ao se analisar uma cidade-patrimônio como Ouro Preto, preservada a décadas, as lacunas da cidade moderna se transformam, na Ouro Preto moderna, em possibilidade de apropriação diante do cenário da produção turística do espaço. Porém, para analisar o objeto de estudo deste trabalho, é preciso antes fazer um paralelo com o conceito de *vazios urbanos* abordado pela arquitetura. conforme Ana Carla de Mendonça (2014, p. 1) apud Villaça (2007), define-se:

Os vazios urbanos são formados por espaços não edificados ou não aproveitados (podendo ser construções abandonadas ou destruídas), e até mesmo espaços esquecidos ou não qualificados como áreas livres no interior do perímetro urbano; edificações que ocupam menos de 20% do terreno, espaços projetados (ou mal projetados) para acontecimentos do cotidiano, porém em consequência de um vazio demográfico ou por ações marginais não são utilizados

Aqui, é importante destacar a ideia de abandono e esquecimento destes espaços na malha urbana, consequência dos processos de urbanização e gentrificação. Edifícios abandonados, destruídos e sem uso se tornam, na cidade, espaços propícios para ações ilegais, que podem gerar medo e desconforto aos cidadãos que por ali passam.

Sendo assim, a temática dos vazios urbanos aparece na primeira Trienal de Arquitetura de Lisboa, em 2007, onde buscam analisar este “novo espaço” da cidade moderna. Sobre esta, Sílvia Canastra Simões (2011, p. 17) explica:

Dedicada a este tema e conceito de Vazios Urbanos, foi organizada em 2007 a primeira Trienal de Arquitetura de Lisboa, exatamente com o mesmo título. Esta trienal procurou olhar para os diversos espaços desocupados e abandonados da cidade, ou espaços que representassem uma fragmentação do território, uma ferida em aberto, como uma oportunidade, em que é preciso tratar a ferida para que a mesma possa recuperar e fechar, de modo a unir as partes da cidade em torno destes espaços. Nessa trienal debateu-se o conceito de V.U., o seu papel atual e futuro na cidade e como são vistos (ou não) pela cidade e sociedade e a necessidade de manter vazios na cidade enquanto espaço de respiro, de fôlego da cidade, mas de os estruturar, de serem vazios pensados.

Com isso, a autora explica como esses espaços *fragmentam* a cidade, por se encontrarem vazios, e os vê como lugares oportunos para reunir a cidade como um todo, destacando a necessidade destes na malha urbana como “espaços de respiro”.

Assim, os vazios urbanos são vistos tanto como problema quanto como solução da cidade moderna, sendo importante salientar que precisam ser vazios *pensados* para que possam voltar a cumprir com sua função social.

Ignasi de Solà-Morales foi um autor essencial na composição da temática proposta pela Trienal de 2007. A abordagem mais subjetiva de Morales, com base no conceito de *Terrain Vague*, foi utilizada por diversos autores como contraponto para os problemas objetivos analisados na Trienal. O autor apresenta o tema dos *vazios urbanos* pela visão da *fotografia*, observando as peculiaridades destes espaços nas obras de fotógrafos da década de 70.

A foto, como elemento formador de imaginário, vai estabelecer o conhecimento que a população tem sobre as cidades ao redor do mundo, o que é importante pois será por meio dos *imaginários* que o cidadão irá perceber e se relacionar (ou não) com os *vazios urbanos*. Igor Fracalossi (2012. p.4), ao analisar os *terrain vague* de Ignasi de Solà-Morales, define:

São lugares aparentemente esquecidos, onde parece predominar a memória do passado sobre o presente. São lugares obsoletos nos que somente certos valores residuais parecem se manter apesar de sua completa desafeição da atividade da cidade. São, em definitiva, lugares externos, estranhos, que ficam fora dos circuitos, das estruturas produtivas. Desde um ponto de vista econômico, áreas industriais, estações de trem, portos, áreas residenciais inseguras, lugares contaminados, tem se convertido em áreas das que se pode dizer que a já não se encontra ali.

Com isso, estes serão os lugares da memória, do imaginário, da identidade que um dia ali existiu, perdidos no tempo, que pelo caráter da produção do espaço moderna lhe é atribuído valor. Não obstante, sobre a questão do estranhamento para com estes lugares, Raquel Henriques (2014, p.25), ao citar Ignasi de Solà-Morales, explica:

Este estranhamento da urbe perante os vazios urbanos é causado pelo fato de o habitante da metrópole perceber os espaços que não são dominados pela arquitetura como um reflexo de suas próprias inseguranças e expectativas do futuro. O indivíduo utiliza a arquitetura como meio de racionalizar, ocupar, impor limites e elementos de identidade que sejam reconhecidos e que tornem reconhecível

determinado espaço que, de outra forma, seria *estranho*. Em busca de segurança, converte, assim, o vazio em construído e civiliza o incivilizado.

Assim, estes espaços não dominados pela arquitetura vão, por consequência, ser os espaços da insegurança, incivilidade, onde a lei não se aplica por falta de monitoramento. Não obstante, a análise de Henriques vai além, tendo o espaço ocupado, arquitetônico, como forma de se racionalizar, pensar e se reconhecer no espaço, criando identidade com o mesmo.

A forma que o habitante da cidade está acostumado a se relacionar com seu espaço é por meio do objeto arquitetônico, negando assim todo lugar com que não se identifica, sendo estes o do *vazio*. Em um paralelo com a análise de Igor Fracalossi (2012. p.7):

Nessa situação, o papel da arquitetura se faz inevitavelmente problemático. Parece que todo o destino da arquitetura tem sido sempre o da colonização, o pôr limites, ordem, forma, introduzindo no espaço estranhos os elementos de identidade necessários para fazê-lo reconhecível, idêntico, universal. Pertence à essência mesma da arquitetura sua condição de instrumento de organização, de racionalização, de eficácia produtiva capaz e de transformar o inculto em cultivado, o baldio em produtivo, o vazio em edificado.

Com isso, estes espaços vazios na malha urbana, de arquitetura deficiente, hostil e “opressora” existem em um paradigma na arquitetura: por um lado necessitam de ocupação, para diminuir a criminalidade e as ações ilegais, que contribuem com a hostilidade e insegurança na cidade, mas, caso esta ocupação seja por meio do objeto arquitetônico, da *construção*, será destinada a um público-alvo.

Sendo assim, no contexto do turismo, é importante retornar ao questionamento de *para quem* este espaço será produzido e, quando assim feito, abrangerá toda a população, sendo um espaço democrático? Ou exclui grupos no processo de ocupar? Esta pergunta é pertinente pois, nos processos de valorização do espaço e produção turística, é nos espaços vazios, como citados até agora, que a possibilidade se transforma rapidamente em *função*, em apropriação como lugares de descanso e respiro.

Considerando o que foi apresentado até aqui, identifica-se a necessidade de tratar de quais são as outras formas do espaço vazio, que não se resume apenas a

espaços abandonados e que é a essência do conceito de “vazio urbano” da arquitetura.

1.2 Perspectivas sobre o Vazio

Cristina Soares em “Os Espaçamentos Ilegítimos ou a Condição Suburbana do Vazio” (2007) faz uma análise do conceito de vazio urbano, tema da Trienal de Arquitetura do mesmo ano, delimitando a extensão desse(s) *vazio(s)* e seu protagonismo na modernidade.

A autora se utiliza principalmente dos conceitos de **espaçamento** e **“reverse-city”** ao abordar a temática dos Vazios Urbanos discutida até agora, apesar destes conceitos não serem tão interessantes para esse momento, é com base neles que ela relaciona o vazio aos conceitos de cidade *herdada* e cidade *moderna*, motivo pelo qual este paralelo proposto por Cristina Soares será a base de nossa argumentação, em diversos pontos, tendo Ouro Preto como o objeto de pesquisa deste trabalho e sua aproximação com os questionamentos levantados pela autora.

Em busca de delimitar a extensão desses vazios e suas manifestações na cidade, “sem a preocupação científica de propor uma categorização sistemática fundada num conjunto de critérios metódica e cientificamente selecionados e comprovados” (SOARES, 2007, p.5), a autora faz uma “coleção” de espaços com essa temática. Dentro desses, serão pertinentes para esse trabalho, em um primeiro momento, os chamados:

“vazio-paisagem”, “vazio-expectante” e “vazio verde”.

Sob estes espaços, é de caráter essencial para este trabalho explicar essa tipologia, tendo-a como base para entender o contexto do *vazio* no contexto de uma cidade patrimônio. Em um segundo momento, os chamados:

“vazio de interdição”, “vazio de cedência” e “vazio interior coletivo”

A análise desses espaços é necessária ao se comparar a produção do espaço em uma *cidade herdada*, ao contrário de uma *cidade moderna*.

Sendo assim, são classificados como **vazio-paisagem** espaços livres, naturais ao mesmo tempo que artificializados, “onde já não faz sentido” a distinção entre cidade e campo. É um vazio extenso, de horizonte, “*um território urbano-rural que está entre os centros históricos da cidade herdada e o campo aberto, entre o lugar como espaço de estar e os não-lugares do movimento(...)*” (SOARES, 2007, p.6).



Figura 1: Exemplo de vazio-paisagem

Fonte: Soares, 2007

Neste tipo de manifestação do espaço, se destaca o caráter cenográfico do *vazio* em contraste com o “cheio”, no contexto de *paisagem*, sendo interessante aqui um paralelo com a visão de Ignasi de Solà-Morales, que através da fotografia também observa essa característica nos espaços por ele estudados.

Entretanto, é na percepção do **Vazio-expectante**, também conhecido como *terrain vague*, que Cristina Soares se aproxima do conceito criado por Ignasi. São espaços marcados por uma efemeridade, uma inconsistência, de caráter parasita, que apesar de seu potencial latente continua obsoleto, sem possibilidade de apropriação. “*um espaço residuário que, no seu estado de expectante, assume simultaneamente a condição de depósito e de reservatório, de espaço de oportunidade provisoriamente abandonado.*” (SOARES, 2007, p.7).



Figura 2: Exemplo de vazio-expectante

Fonte: Soares, 2007

Dentro das manifestações do vazio delimitadas pela autora, o *expectante* é o que mais se aproxima com os *vazios urbanos* antes citados, na visão de um espaço que não se encaixa no uso cotidiano da cidade, impossibilitando permanência.

O contraste que o vazio tem com o cheio é, até então, uma semelhança entre os espaços aqui citados, onde se destacam independente da maneira que são (ou não são) utilizados. É sob esse pretexto que Soares explica os **Vazios Verdes**, sendo lacunas do tecido da cidade, criados pelos processos de urbanização, mas que são “ocupados” por vegetação, utilizados pelo setor público por motivos de “*higienização (...), naturalização e de recreio*”, sendo “*um suposto espaço de utilidade coletiva*”. (SOARES, 2007, p.9)

Este é o caso de jardins, parques e outros “*verdes*” artificiais da cidade, que segundo ela são “*cada vez menos um espaço estruturante do tecido urbano*”. Com isso, pode-se observar a importância destes para uma legibilidade mais “saudável” da cidade, tanto no âmbito público como privado, este último na forma de quintais, visto que “*na impossibilidade de preencher com construção, por outras palavras, na inutilidade forçada a que estão sujeitos, (...) antes verde que nada...*”

Apesar de todos os espaços abordados na tipologia proposta por Soares estarem inseridos no contexto da modernidade, nestes vazios até agora citados

(*paisagem; expectante; verde*) não se destacam, especificamente, por serem produtos da modernidade.

São, sim, consequências dos problemas da urbanização moderna, e do modo como os espaços são utilizados, mas aparentam também ser *outra coisa*, além da visão hostil existente sobre o *vazio* na cidade.

Com isso, Cristina Soares explica as diferenças entre os vazios presentes na *cidade moderna* e na *cidade herdada*. A cidade herdada, tradicional, é representada pelos centros históricos cuja formação se dão antes da revolução industrial e dos transportes, onde as construções necessitavam de proximidade, sendo a locomoção elemento fundamental na formação do espaço.

Por conta dessa limitação da locomoção e dos transportes, a valorização dos espaços próximos ao centro urbano na cidade *herdada* acaba por gerar, assim, um maior proveito de sua utilização, “sobrando” poucos lugares vagos, destinados a obsolescência.

Entretanto, é na cidade tradicional que se observa o valor dos espaços de públicos de convívio, em um período onde a comunicação se dava majoritariamente pelo meio físico, as praças, ruas e largos dessa época concentravam a importância dos espaços “não-construídos” na malha urbana para fins relacionais e de identidade com o local em que se vive, característica que cada vez mais se perde na *cidade moderna*.

A necessidade desses espaços na modernidade se manifesta na ânsia de uma cidade mais *legível*, sendo a paisagem um elemento fundamental para a sensação de conforto no meio urbano. A questão da composição paisagística nestes espaços distingue-se da noção de *hostilidade*, até então presente na concepção do espaço vazio, pelo motivo de possibilitarem um certo descanso ao olhar em contraste com os “cheios” arquitetônicos, o *construído*.

Mesmo que o espaço delimitado como *vazio-expectante* seja visto primeiramente como hostil e de impermanência, estes três tipos de vazio citados tem em semelhança uma diferença marcante, da força da natureza e do tempo, principalmente quando aparecem contra a majoritária cor *cinza* da cidade moderna.

Para melhor exemplificar a cidade moderna, com um foco principal nos países de “terceiro mundo”, o filme argentino “Medianeras”, de Gustavo Taretto (2011) conta

a história pessoal de como dois personagens, Martin e Mariana, (sobre)vivem na Buenos Aires moderna, mediante a solidão que ela proporciona. De um caráter introdutório, em um conjunto de fotos “aleatórias” da cidade, generalizadas e indistinguíveis, o personagem conhecido como Martin, entra em um monólogo de como define a cidade sob sua visão:

Buenos Aires cresce descontrolada e imperfeita, é uma cidade superpovoada num país deserto, uma cidade onde se enxerga milhares e milhares de prédios sem nenhum critério. Ao lado de um muito alto, tem um muito baixo, ao lado de um racionalista, tem um irracional, ao lado de um em estilo francês, tem um sem estilo. provavelmente essas irregularidades nos refletem perfeitamente. Irregularidades estéticas e éticas. Esses edifícios que se sucedem sem nenhuma lógica, demonstram total falta de planejamento. Exatamente assim é a nossa vida, que construímos sem saber como queremos que fique. Vivemos como quem está de passagem por Buenos Aires. Somos criadores da cultura do inquilino. Prédios “apertados” dão lugar para outros prédios, ainda mais apertados (...)

A tradução para “chicos”, do texto em espanhol, para “apertados” parece mais de acordo com o sentido da palavra nesse contexto, quando o personagem fala sobre o tamanho dos apartamentos, suas hierarquias definidas por códigos, sendo os mais privilegiados, com os apartamentos maiores e melhores, definidas por “A” ou “B” e, quanto mais abaixo a letra do alfabeto, piores as condições.

Em seguida, ele fala como é difícil encontrar uma boa vista ou mesmo um raio de sol nos apartamentos modernos, em meio a uma confusão de prédios e símbolos publicitários, onde assim explica como está convencido que são essas características da cidade que proporcionam uma série de doenças e consequências dessa paisagem “cinza”.

Coisas como a “falta de comunicação, desejo, a depressão, os suicídios, as neuroses, os ataques de pânico, a hipocondria, o estresse e o sedentarismo”, são todos males a qual culpabiliza os arquitetos e empresários de construção.

Já o termo “medianeras” é explicado mais tarde em um monólogo da protagonista Mariana:

Todos os edifícios, todos mesmo, tem um lado inútil, que não serve para nada, não dá nem para frente nem para o fundo; a “medianera”; superfícies enormes que nos dividem e lembram a passagem do tempo, a poluição e a sujeira da cidade; as “medianeras” mostram nosso lado mais miserável; refletem as inconstâncias, as rachaduras, as soluções provisórias; é a sujeira que escondemos embaixo do

tapete, só nos lembramos delas às vezes; quando, submetidas ao rigor do tempo, elas aparecem sob os anúncios; (as medianeras) viraram mais um meio de publicidade, que em raras exceções, conseguiu embeleza-las; em geral, são indicações dos minutos que nos separam de supermercados ou de fastfoods; anúncios de loterias que prometem muito em troca de quase nada; ultimamente, lembram a terrível crise econômica que nos deixou assim, “desocupados”; para a opressão de viver em apartamentos minúsculos, existe uma saída. Uma rota de fuga; ilegal, como toda rota de fuga; em clara desobediência às normas de planejamento urbano, abrem-se minúsculas, irregulares e irresponsáveis janelas, que permitem que alguns milagrosos raios de luz iluminem a escuridão em que vivemos.

A escolha pela palavra “desocupados” no seu termo em espanhol, ao contrário da tradução “sem empregos” se faz pertinente ao tema deste trabalho, pois remete à ideia de espaços vazios na paisagem urbana, do espaço visual dos prédios que não se faz visível nas ruas, um espaço muitas vezes cinza que ocupa a vista de inúmeros apartamentos ao longo da cidade.

Durante a fala da protagonista, o filme retrata uma série de fotos a respeito dessas “medianeras”, onde pode se ver representações de anúncios de publicidade generalizados, em meio a uma paisagem opressora.

Ao contrário da cidade tradicional, a paisagem da cidade moderna é composta por vazios impensados, consequência de “cheios” pensados, construídos, que dificultam o senso de identidade com o local, como será explicado no conceito de *não-lugares*. Entretanto, sob o contexto da cidade moderna se faz necessário primeiro entender os próximos três espaços delimitados por Cristina Soares, chamados:

Vazio infra-estrutural; Vazio de cedência; e Vazio interior coletivo.

Vazio infra-estrutural é definido como espaços que “decompõem” o vazio tradicional, “entendido como espaço de contacto, de ligação e circulação”, e assim transformam a função tradicional em um vazio de conexão. Pontes, estradas, avenidas, lugares construídos no intuito de criar a infraestrutura necessária para os meios de transporte utilizados na modernidade, que por ser um “vazio-construído”, tem presença marcante na composição da paisagem.



Figura 3: Exemplo de Vazio infra-estrutural

Fonte: Soares, 2007

Vazio de cedência, então, é o tipo de vazio definido como resultantes de distâncias impostas pelas construções, edifícios e infraestruturas, associados à ideia de um desperdício obrigatório. Como foi explicado antes, na cidade tradicional não podia existir desperdício de espaço. *“O valor da proximidade física sobrepunha-se aos valores ainda não conquistados da habitabilidade e da salubridade; a proximidade física era demasiado importante para tolerar que se desperdiçassem espaços livres”*. É somente na modernidade que esses espaços impostos pela infraestrutura podem existir, onde as construções pensadas geram também vazios, por não conseguirem simplesmente ocupar *tudo*.



Figura 4: Exemplo de Vazio de cedência

Fonte: Soares, 2007

Por último, o chamado **Vazio interior coletivo** pode ser considerado como símbolo do desejo moderno da imposição do homem sobre a natureza, criado como uma “*reinterpretação do espaço público coletivo*”, sendo “*a tradução mais direta do declínio do conceito de espaço coletivo de domínio público*”. Edifícios como *shoppings*, que tentam simular a “natureza” do exterior de forma extremamente regulada e compacta, para se encaixar ao objeto arquitetônico que, cercado por seguranças e câmeras, buscam dar uma sensação de conforto para quem ali circula.



Figura 5: Exemplo de Vazio interior coletivo
Fonte: Soares, 2007

Estes três espaços são, na cidade moderna, muito mais pertinentes do que na cidade tradicional, por serem consequências das infraestruturas necessárias à modernidade, dos transportes, da velocidade de locomoção, da globalização e do consumo capitalista. Nestes se expressam também como a produção do espaço moderno reprime a presença do *vazio*, inseguro e hostil, ao mesmo tempo que continuam *vazios*, independentemente da ocupação pelo objeto arquitetônico.

Entretanto, para melhor explicar a função desses espaços na modernidade, é necessário enfim entendermos o conceito de *Não-Lugares* proposto por Marc Augé, como será visto a seguir.

1.3 Não-Lugares: Análise do conceito

Marc Augé exemplifica a produção do espaço na cidade, em seu livro “*Não-lugares, introdução a uma antropologia da sobremodernidade*”, por meio de dois conceitos principais: Os lugares e os Não-lugares.

Assim como é preciso primeiro entender os *cheios* para o contraste com os *vazios* na cidade, é sob o entendimento dos *lugares* que veremos o contexto da produção dos *não-lugares* de Augé. Sobre o primeiro, Ana Fani (1999, p.3) exemplifica:

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade. Aí o homem se reconhece porque aí vive. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar se liga indissociavelmente à produção da vida.

Com isso, podemos entender o *lugar* como um espaço construído, por sentidos e significados que vão além do plano físico da cidade. Assim, é possível analisar como o processo de construir, como foi visto durante essa discussão, está intimamente ligado com o modo em que se *vive* a cidade e seus espaços, principalmente na época de construção das cidades tradicionais, que se dava de maneira muito mais lenta e de caráter permanente, gerando possibilidade de assimilação e, principalmente, identidade com o local vivido. Sobre esta última, Ana Fani (1999, p..3) continua:

A identidade, no plano do vivido, vincula-se ao conhecido-reconhecido. A natureza social da identidade, do sentimento de pertencer ou de formas de apropriação do espaço que ela suscita, liga-se aos lugares habitados, marcados pela presença, criados pela história fragmentária feitas de resíduos e detritos, pela acumulação dos tempos. Significa para quem aí mora “olhar a paisagem e saber tudo de cor” porque diz respeito à vida e seu sentido, marcados, remarcados, nomeados, natureza transformada pela prática social, produto de uma capacidade criadora, acumulação cultural que se inscreve num espaço e tempo – essa a diferença entre lugares e não-lugares.

Aqui é importante ressaltar de novo a ideia de *paisagem*, com base no que foi visto anteriormente, como principal símbolo da identidade, principalmente no contexto

da cidade moderna, onde a paisagem sempre está sujeita a uma mudança, que comparada ao modo de construir da cidade tradicional, pode ser abrupta, rápida e que pode impossibilitar identificação.

Sendo assim, é nesse contexto que a produção dos *não-lugares* se destaca, pelo modo (rápido) em que são construídos e, com isso, para qual finalidade? Segundo Augé, “*se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar*”.

Estes, assim como na delimitação de *vazio infra-estrutural* e de *interior coletivo* de COELHO, são espaços como os shoppings, ruas e avenidas, onde se tem um fluxo constante de pessoas, mas mesmo assim se perde a noção do *outro*, pelo excesso do mesmo, e tornam-se, segundo o autor, espaços de solidão, com base no caráter contratual e de interesse das relações nos *não-lugares*.

Entretanto, apesar desse caráter solitário, em um contraste com a forma de se relacionar na cidade tradicional, será nos *não-lugares* que o cidadão moderno se sentirá confortável, longe da cidade hostil e estranha e dentro de um espaço que projeta uma ideia de segurança, por meio do objeto arquitetônico, cuja função é para o consumo.

Com isso, os *não-lugares* aparentam ser, em teoria, uma ótima maneira para se produzir o espaço turístico, pelo motivo de incluir o turista, de certa forma, em um local estranho. Entretanto, em uma definição mais aprofundada para o turismo, Ana Fani (1999, p.3) elabora:

O espaço produzido pela indústria do turismo perde o sentido, é o presente sem espessura, quer dizer, sem história, sem identidade; neste sentido é o espaço do vazio. Ausência. Não-lugares. Isso porque o lugar é, em sua essência, produção humana, visto que se reproduz na relação entre espaço e sociedade, o que significa criação, estabelecimento de uma identidade entre comunidade e lugar, identidade essa que se dá por meio de formas de apropriação para a vida.

A produção dos *não-lugares* passa a criar, então, principalmente no âmbito do turismo, um mundo de *espetáculos*, cheio de símbolos, marcas e códigos, onde o turista participa somente como espectador, muitas vezes não conseguindo se relacionar propriamente com o lugar visitado.

Assim, com esse conjunto de ideias apresentadas, primeiramente sobre os *vazios-urbanos* da arquitetura; os *terrain-vague* de Ignasi de Solà-Morales e a fotografia; os seis espaços delimitados por Cristina Soares e as *idades herdadas e modernas*; A visão sobre a “Buenos Aires moderna” tida no filme “Medianeras” de Gustavo; e, por último, os *lugares e não-lugares* de Marc Augé, é imprescindível retornar ao nosso questionamento inicial: sob o contexto dos espaços vazios e seu protagonismo na modernidade, *para quem* esses espaços serão produzidos e/ou ressignificados, quando assim feitos?

1.3.1 Espaços vazios e não-lugares: materialidades e escalas no mundo

Com base na discussão feita sobre o tema dos espaços vazios, os dois exemplos a seguir, de caráter apenas expositórios, resumem bem o sentimento que se tem pela apropriação do espaço “vazio”.

O primeiro exemplo é o do Parque Olímpico no Rio de Janeiro, construído em 2016 para os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos. O parque tinha como projeto utilizar todo aquele espaço de maneiras diferentes, mas democráticas, após o término dos jogos, coisa que não aconteceu e hoje o espaço se encontra em um estágio de abandono.



Figura 6: Parque Olímpico do Rio de Janeiro

Fonte: Redação Diário do Rio, 2020

Acreditamos que esse pode ser um exemplo da produção turística do *não-lugar*, sendo difícil de se imaginar alguma forma de identidade em um local que foge tanto do *verde* da natureza, onde a paisagem é majoritariamente cinza.

Já o segundo exemplo trata sobre o Festival Cura, tido em Belo Horizonte onde foram realizados nos anos 2017 e 2018 uma programação de eventos que envolveram diversos cantos da cidade, mas principalmente o Mirante “CURA”, local onde se pode ver o processo desse projeto ao vivo.



Figura 7: Grafites do projeto CURA em prédios
Autor(a): Site do Projeto Cura

O projeto teve como legado pinturas enormes de grafitti espalhados pela cidade, transformando a Rua Sapucaí no primeiro mirante de arte urbana do mundo. Aqui se faz interessante lembrar a ideia do filme “Medianeras”, e a busca por uma paisagem mais representativa, identitária.

2: Resignificação de espaços vazios no contexto do Covid-19

2.1 Covid-19 e transformações no mundo do turismo

De acordo com o Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC), as atividades diretas e indiretas do setor de turismo e lazer no Brasil representou em 2019 cerca de 7,7% do PIB do País, assim como a criação de 7,4 milhões de empregos diretos, indiretos e induzidos, sendo 7,9% do total no Brasil. No mesmo ano, “o setor esteve entre os principais impulsionadores da economia brasileira, expandindo seu Valor Bruto Adicionado em 3% a.a., bem acima da taxa de crescimento do PIB do Brasil, 1,1%” (TOMÉ, 2020, p.1)

Em março de 2020 o mundo presenciou o início da pandemia do Covid-19, originária na China em dezembro de 2019. Com taxas médias de contágio e morte das pessoas infectadas, o vírus se mostrou altamente eficaz em sua propagação, contaminando principalmente o ar e os objetos em lugares fechados com grande fluxo de pessoas.

Sendo assim, com o objetivo de diminuir os danos da pandemia e torna-la menos agressiva aos equipamentos de saúde, foram tomadas diversas medidas ao redor do mundo para que os sistemas de saúde sejam menos afetados e possam suportar esta população infectada, visando não entrar em estado de superlotação.

Dentro destas medidas estão a aplicação da quarentena, junto da suspensão temporária das aulas e trabalhos que não sejam essenciais, a proibição dos transportes aeroviários e rodoviários com aglomeração de pessoas, o uso de mascarar obrigatório em lugares abertos e fechados, o uso do álcool em gel, a disponibilização de testes para a identificação do vírus, dentre outros. Sobre tais proibições, segundo Tomé (2020, p.2):

as atividades turísticas foram as primeiras a sofrerem interrupção e devem ser as últimas a retornar, em função das medidas de restrição à propagação do vírus impostas por decretos estaduais ou municipais ou por conta da “decisão” da população em permanecer em isolamento social. Não obstante, aos bloqueios internacionais, a redução da atividade econômica nas principais economias do mundo,

e a magnitude e duração dos efeitos sociais e econômicos da pandemia, incluindo o “choque de renda” corroboram desfavoravelmente ao setor no médio prazo.

Esse “choque de renda” diz respeito às pessoas que perderam o emprego, que ganharam menos devido as condições impostas de trabalho, seja online ou presencial, menos demanda em diversos setores, tendo como consequência menos capital líquido para investir no lazer e no consumo com objetos que não são essenciais.

Sobre os efeitos da pandemia no primeiro trimestre de 2020, segundo Luciana Tomé, apud EMIS (2020):

O setor sofreu perdas da ordem de US\$ 2,8 bilhões apenas em março de 2020. Pelo menos 295.000 empregos diretos formais estão em risco. O primeiro impacto negativo do Covid-19 ocorreu no período de janeiro a fevereiro de 2020, quando as receitas internacionais do turismo no Brasil caíram -14,9%, US\$ 1,2 bilhão. Os efeitos negativos se intensificaram em março de 2020, com a pandemia na Europa e América Latina, enquanto vários estados brasileiros impuseram restrições de quarentena resultando em cancelamentos de voos, reservas de hotéis e em navios de cruzeiro por turistas nacionais e estrangeiros. Na primeira quinzena de março de 2020, as receitas do setor de turismo do Brasil recuaram -16,7%, e -84% na segunda metade do mês, conforme estimativas da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). As empresas do setor adotaram medidas drásticas para preservar sua saúde financeira, como as taxas médias de ocupação nos hotéis caíram abaixo de 10% em meados de março, redes de hotéis, resorts e parques temáticos suspenderam as operações por tempo indeterminado. Os membros do Fórum Brasileiro de Operadores Hoteleiros (FOHB) – que reúne redes domésticas e estrangeiras de 650 hotéis no Brasil - encerraram suas operações na última semana de março. A CVC - maior agência de viagens do Brasil - cancelou todos os voos charter até o final de maio de 2020, cortou pela metade do horário de trabalho, cancelou novas contratações, suspendeu todas as iniciativas de marketing e adiou investimentos não essenciais (EMIS, 2020).

Portanto, o cenário então apresentado indica uma crise de proporções históricas, cujos impactos podem continuar a afetar o turismo mundial nos próximos anos, por ser um setor inteiramente dependente dos serviços, uma das partes mais afetadas da economia.

2.2 Consequências da quarentena no contexto do lazer e do turismo: entre o medo e o desejo

Dentro das medidas preventivas para minimizar os danos da pandemia do Covid-19, a quarentena foi a que mais teve impacto no psicológico da sociedade. O imaginário criado no início da pandemia sobre a seriedade da mesma é algo que tem visto transformações conforme seu avanço, como por exemplo o acúmulo de materiais de higiene, causado pelo pânico inicial, o “sair de casa” apenas para atividades essenciais que era seguido mais à risca, e entre outros comportamentos que com o tempo foram se adaptando à essa nova realidade.

Entretanto, muitas dessas adaptações de comportamento deram sinal de como a pandemia estava sendo tratada com descaso por grande parte da população em todas suas etapas, atitudes tais que foram fortemente influenciadas pela propagação de informações falsas, assim como o cansaço criado pelo tédio do movimento “Fique em casa!”. Não só isso, segundo Schimdt & Cia (2020, p.5), apud Brooks (2020) & Shojaei & Masoumi (2020)

Afora os impactos psicológicos diretamente relacionados à COVID-19, medidas para contenção da pandemia também podem consistir em fatores de risco à saúde mental. Em revisão de literatura sobre a quarentena, Brooks et al. (2020) identificaram que os efeitos negativos dessa medida incluem sintomas de estresse pós-traumático, confusão e raiva. Preocupações com a escassez de suprimentos e as perdas financeiras também acarretam prejuízos ao bem-estar psicológico (Shojaei & Masoumi, in press).

Com isso, vale salientar que a questão das perdas financeiras, somado aos diversos impactos psicológicos acima citados, como por exemplo o medo de se contrair a doença, de transmiti-la para familiares, assim como o desgaste emocional de se viver sob as condições implantadas pela pandemia, afetam principalmente comunidades carentes, público então mais vulnerável aos efeitos psicológicos negativos da quarentena, de acordo com os fatores citados.

Sob a questão do estresse pós-traumático e afins, é provável que tais sintomas permaneçam mesmo depois do fim da pandemia, como indicam diversos autores que estão discutindo sobre o tema. Ficar em casa, apesar de ser a medida mais eficaz para o achatamento da curva de leitos nos hospitais, tem sido cada vez mais exaustivo por conta de fatores tais como a violência infantil e contra a mulher, casos de estresse, ansiedade e depressão potencializados pelos efeitos da pandemia, assim como a aversão em geral ao ócio (Schmidt, 2020, p.9)

Para um maior aprofundamento nessa ideia de ócio, Byung-Chul Han discute em seu livro “A sociedade do cansaço” (2010) sobre como o sujeito pós-moderno faz parte de uma sociedade da “positividade”, ponto importante para entender qual é/será o espaço do ócio na sociedade capitalista.

Sendo assim, sobre a positividade, Byung-Chul apresenta como o cotidiano e a vida do cidadão pós-moderno está repleta da ideia de ser proativo, que apenas por meio do trabalho o sujeito encontra seu propósito. Estar em um constante estado de produção é a característica central da “sociedade do desempenho”, onde o autor expõe como o trabalhador é, ao mesmo tempo, explorador e explorado, agressor e vítima de si mesmo por conta da pressão internalizada do produzir.

O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência. Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal. (HAN, 2010)

Com base nisso, o autor indica os “adoecimentos psíquicos” como consequência da sociedade do desempenho, onde essa “violência” então citada é gerada pela *liberdade* do constante *poder fazer*, que está diretamente ligado ao *dever*. É na (ideia de) liberdade de poder fazer tudo que se esconde os sintomas de depressão e ansiedade que são a essência dessa violência, motivo pelo qual a positividade do desempenho é extremamente contraditória.

Em seguida, Byung-Chul Han explica como tal positividade “modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção”, o sujeito pós-moderno passa então a perceber as coisas ao seu redor por meio do “*multitasking* (multitarefa)”, que é “uma atenção ampla, mas rasa”. Este jeito novo de percepção se mostra aparente no turismo, onde “perceber” ou conhecer uma cidade é uma atividade rápida, passageira e sem profundidade, com o intuito de aproveitar do melhor jeito possível o tempo de lazer.

Essa atenção rasa se manifesta também na aversão geral ao ócio, quando somada à ideia de desempenho produzida pelo autor. “Tempo é dinheiro”, e o tempo que não é destinado a produção intelectual (cultural) ou de capital, é gasto com culpa de não se estar produzindo nada. O ócio não tem espaço na sociedade do desempenho, ainda mais quando não está ligado ao consumo de algum bem, como é o caso de bares, restaurantes, *shoppings* e cinemas.

Portanto, é possível perceber como a sociedade do desempenho de Byung se manifesta no contexto da quarentena, onde “A prática da liberdade é uma necessidade humana e pilar de sustentação das experiências de lazer, e a restrição de tais experiências por meio do controle proibicionista tem se mostrado ineficaz(…)” (NECA, RECHIA, 2020, p.481) justamente por conta da violência atrelada à liberdade de *poder fazer*. Essa violência indicada por Byung-Chun Han nos ajuda a entender a aversão geral para com a quarentena, passados meses de confinamento.

O preocupante é que, passados meses de isolamento dentro do espaço doméstico, com esse cotidiano tumultuado e tenso da vida privada e com experiências de lazer limitadas – principalmente, quando não atreladas ao consumo mercadológico –, as pessoas passaram a subverter as determinações de distanciamento e começaram a sair de casa para circular em parques, praças, bares, shoppings, centros de lazer e comércio, desrespeitando as devidas orientações, aumentando a probabilidade do risco de contágio e até mesmo negando a problemática pandêmica. (NECA, RECHIA, 2020, p.473)

Apesar do risco de contágio, o lazer em tempos de quarentena se mostra necessário para amenizar os conflitos domésticos potencializados pelo confinamento. Entretanto, como foi discutido por Byung, a vivência do lazer ou do ócio já tinha sua

problemática muito antes do aparecimento do vírus Covid-19, sendo esta vivência diretamente ligada ao consumo mercadológico.

O imaginário do ócio atrelado à culpa de não estar produzindo, quando somado ao medo de contrair a doença e ao desejo de sair de casa, pode se manifestar em comportamentos autodestrutivos, assim como transformar o “produzir” em um ciclo vicioso. Segundo Bruno Neca e Simone Rechia (2020, p.503), quando o cidadão não se permite estar ocioso, “(...) logo se verá acossado por pensamentos inquietantes e fugirá, refugiando-se no álcool, no trabalho ou outra atividade” (apud BRUHNS, 2005, p.70).

(...) aproximar-se do modelo grego de ócio pode contribuir para este momento de pandemia e para o usufruto dos espaços públicos das cidades, pois esse modelo proporciona um olhar contemplativo e reflexivo. Esse processo de reflexão interior durante o lazer – que pode ser estimulada pelo poder público – auxilia na busca do autoconhecimento e autocontrole dos prazeres da vida, com poucos ou nenhum artefato adicional ao corpo e o mínimo de investimento financeiro possível. (NECA, RECHIA, 2020, p.484)

Em uma analogia entre vazio e ócio, com base em Byung-Chun Han e os autores citados no primeiro capítulo, o espaço vazio na cidade, ocioso e improdutivo, é sempre visto como negativo, sendo em forma de espaço ou de tempo (nesse último caso o lazer), para o vazio é imprescindível uma produção. Entretanto, não é o objetivo deste trabalho glorificar o ócio de maneira extensa no cotidiano do cidadão, e sim admitir a visão negativa do “vazio” na sociedade, como por exemplo presente no ditado popular: “mente vazia, oficina do diabo”.

Porém, visando o fomento do fluxo de capital entre o “trade” turístico, aceitar o ócio de uma forma saudável se torna extremamente pertinente em tempos de crise econômica e, de certa forma, psicológica. Entender os possíveis anseios do viajante com base na teoria é necessário para produção do turismo, tendo em vista essa transformação eminente da demanda turística discutida até agora.

2.3 Desafios da reabertura turística

Mesmo que o plano de vacinação seja aplicado de maneira efetiva e que os esforços para minimizar a crise em todos os setores se mostre suficiente, considerando a situação atual, a previsão de retorno ao crescimento que o Brasil se encontrava antes da pandemia é de 2022 para frente.

Com isso, segundo estudo realizado pela FGV (2020), a recuperação do turismo deve ser efetuada em fases, de acordo com os momentos em que o país se encontra com relação a pandemia em cada uma delas. Em um primeiro momento, o foco nas viagens domésticas, prioritariamente por meio rodoviário e de curta distância, assim que o sentimento de confiança e segurança no sistema de saúde seja reestabelecido, por meio da efetividade da adoção de protocolos sanitários na rede hoteleira e de transportes.

Em um segundo e terceiro momento, o retorno das viagens de longa distância, por via aérea e o início das viagens de negócios e eventos, respectivamente, tendo em vista que os protocolos de segurança nesses setores são mais complexos e, mesmo que efetivos, podem gerar maior desconfiança e assim queda da demanda.

Por fim, no quarto momento estaria a retomada das viagens internacionais, o que vai depender da situação do Brasil perante o mundo, seu controle da pandemia e sua relação com os outros países, principalmente na questão do imaginário criado sobre a situação do país no estrangeiro.

Esta divisão em fases da reabertura turística serve como um possível mapa de como proceder a atividade neste contexto, sendo extremamente importante um maior foco não só no turismo doméstico, como também o incentivo do uso das cidades e seus espaços turísticos e de lazer ao ar livre pela população nativa, em busca de reconquistar a confiança do viajante estrangeiro.

2.3.1 O mundo do turismo no pós-pandemia – perspectivas

Não se pode ter certeza ainda do que será do turismo no Brasil depois da pandemia, uma vez que o cenário está disposto a mudanças na medida em que o país e sua população enfrenta os desafios postos à sua frente. Com isso, a discussão sobre o tema no meio acadêmico tem aumentado diariamente, como se é esperado em uma crise desta proporção, assim como propostas de inovação que buscam acompanhar as transformações no imaginário turístico.

Sendo assim, dentro do conjunto de perspectivas para o futuro do turismo, existem as que propõem ações imediatas para os diversos segmentos do trade turístico, e as que criticam, de maneira mais geral e a longo prazo, as maneiras de se viver na cidade e a infraestrutura em que se deu a pandemia.

Sobre as imediatas, o foco é tentar preservar os equipamentos turísticos que serão mais afetados. No setor da hotelaria, “hotéis pequenos e pousadas sofrerão mais” tendo em vista a dificuldade de oferecer ao viajante a segurança requerida pelos protocolos de segurança, em comparação com os grandes empreendimentos, “além de não possuírem uma segurança financeira que permita passar por períodos tão longos com forte redução em seus fluxos de caixa” (TOMÉ, 2020, p.5)

Porém, o setor que será mais afetado é o dos transportes, consequência direta da quarentena. Este setor depende quase que inteiramente do turismo e ficou paralisado por boa parte de 2020, por isso seu retorno será lento, mesmo após voltarem a funcionar com as medidas de prevenção corretas, como tem acontecido.

Já os bares e restaurantes já retornaram suas atividades e seguem para a normalidade, apesar das recorrentes infrações dos protocolos de segurança. Por não dependerem diretamente do turismo e com a possibilidade de atuação por forma de *delivery*, este setor não precisou parar completamente, mas a previsão também é de uma recuperação lenta e gradual.

Por fim, as atividades culturais e de lazer também tiveram que ser paralisadas completamente, tais como “Museus, teatros, cinemas e até academias e parques

foram fechados com a intensão de reduzir os índices de contaminação” (TOMÉ, 2020, p.6). A previsão aqui é que os turistas e cidadãos nativos passem a querer frequentar mais os espaços abertos, mesmo que os fechados estejam liberados ao acesso no pós-pandemia.

Por conta do extenso período de confinamento, a busca pelo contato com a natureza se mostra latente na sociedade, motivo pelo qual muitos autores indicam a necessidade de inovações e investimento em um turismo de experiências. “Serão dadas preferência as viagens com propósito, que permitam maior contato com a natureza e com a espiritualidade.” (Tomé, 2020, p.6)

2.4 Espaços vazios e turistificação no pós-pandemia: A produção de novos imaginários e ressignificações

Tendo em vista o que foi discutido até agora, pode-se reafirmar o protagonismo dos espaços vazios como possibilidade para a transformação do espaço urbano, sendo essencial pensar nesta possibilidade sob o contexto da pandemia. O sentimento de se encantar de novo com o cotidiano e a vivência da cidade pode estar interligado com essa nova demanda de um turismo de experiências.

O processo de reocupar áreas de lazer está em conjunto com o *sobreviver* à pandemia, onde se busca um certo nível de bem estar físico e psicológico ameaçado pela crise do Covid-19

Pensemos a praça como um exemplo de um espaço de lazer público mais “completo”, em um conceito mais generalizado. Em um primeiro momento, percebe-se que, por ser um espaço ao ar livre, as vezes com bancos, vias de cimento e outras de barro batido, criadas pela passagem por entre os gramados, e um “natural” espaçamento entre os objetos que a compõem. Este é um espaço propício para atividades físicas, por esta liberdade do ser/estar sem necessidade do contato com outras pessoas que talvez/por acaso estão ali. Mas isso é básico, primordial, concebido pela ideia do espaço *pensado*.

Em um segundo momento, aí sim, percebe-se quem está ao seu redor, se há segurança naquele lugar, iluminação caso precise, conforto até um certo nível, percebe-se a manutenção do local utilizado, ou a falta dela. Dependendo desse conforto, ou desconforto, a pessoa ou o grupo vai ponderar se vai ou não permanecer ali.

Caso esse conforto seja alcançado, o cidadão se destina a finalidade que o levou àquele espaço. Se foi para se exercitar, ele(a) vai correr, levantar pesos caso estejam a disposição ou participar de algum esporte coletivo.

Se foi para ter um lugar para socializar, normalmente em grupos ou pares, dependendo da socialização, é comum que seja acompanhada de algum consumo, seja de comidas ou bebidas, ou de vícios e o uso de drogas “sociais” tais como o álcool e a maconha, estes últimos podendo causar estranhamento pelas pessoas ali presentes, assim como o lixo produzido pelos primeiros, dependendo de como é feito esse consumo.

Em um terceiro momento, quando atingido ou durante a atividade desejada, pode-se então contemplar o espaço de maneira mais geral, atividade que depende de muitas variáveis, tais como o conforto antes citado, o tempo que a pessoa se permite de estar ali, das pessoas envolvidas na finalidade, caso sejam esperadas ou não, e entre outras.

As atividades físicas e de relaxamento tem se mostrado eficazes no combate às consequências psicológicas da quarentena, sendo um meio de se praticar a liberdade, limitada pela pandemia.

Sendo assim, a praça como um espaço construído e pensado limita, até certo ponto, a experiência de se perceber os arredores com o objetivo de ocupar, limitação que busca minimizar os conflitos que podem surgir de um espaço que fica boa parte do tempo vazio. Entretanto, e se a finalidade for justamente a contemplação? Qual seria seu objeto?

Em uma ramificação deste conto de percepção, pensemos que o sujeito encontrou tal lugar por acaso, sem objetivo. De novo, caso o espaço lhe proporcione conforto, caso o tempo lhe permita estar ali, o sujeito pode entrar em um estado de contemplação, só que agora pleno, se deixando levar pelos seus instintos e pensamentos sem estar limitado à ideia de produção/atividade.

Dentro dessa contemplação mais passiva, o sujeito passa por diferentes níveis de percepção do espaço, até chegar no último, de longe o mais marcante, quando percebe a paisagem a qual se encontra. É dentro da paisagem que o sujeito se referencia e se encontra, sendo sua observação uma atividade extremamente pessoal, onde se fazem associações do(s) objeto(s) em contemplação de acordo com experiências e símbolos conhecidos.

A natureza não existe somente em exterioridade. Interage com o olhar inquisidor. A postura contempladora se responsabiliza pela indução de diversas sensações. Se os homens são diferentes, revelam, contudo, uma identidade comum na busca daquilo que possuem de divino. Perseguir a perfeição torna-se possível no reconhecimento do belo. E daí deriva a paisagem. (PIMENTA, 2016, p.13)

Dentro do turismo, a paisagem de um lugar muitas vezes define sua identidade turística e sua imagem comercial. O Rio de Janeiro foi a “primeira área urbana no mundo a ter reconhecido o valor universal da sua paisagem urbana” (IPHAN) em 2012, além do Conjunto Arquitetônico da Pampulha, em Belo Horizonte, e Paraty e Ilha Grande ganharam o título de paisagens culturais pela Unesco, e que são exemplos da expressividade da paisagem na identidade de um lugar ou cidade.

Entretanto, vale reforçar que tal identidade, quando apropriada pelo turismo, transformando-a em comercial, pode afastar a população local, que muitas vezes não se vê contemplada ou como agente participativo daquela atividade turística.

Sendo assim, é comum vermos tanto nas cidades modernas quanto nas cidades patrimônio um tipo permanente de apropriação do espaço, que apesar de ser ilegal, é também artístico e um objeto de contemplação conjunto à paisagem: são estes o picho e o grafitti.

Dentro da discussão feita por Caetano (2017), “o grafitti e a pichação no espaço urbano possibilitam vários tipos de leituras e interpretações sobre seus impactos na paisagem”, assim como “pode ser interpretada como forma de resistência à ordem estabelecida pelos grupos dominantes da sociedade e do Estado”. Segundo o autor, apud Prosser (2006):

Para além dos conflitos territoriais, a ação dos grafiteiros pode ser lida, num determinado espectro, como a ressignificação e humanização dos espaços urbanos padronizados e monótonos da sociedade capitalista, e, noutro espectro antagônico, como poluição visual e depredação do patrimônio, o que causaria consequências “indesejáveis” para a sociedade (PROSSER, 2006).

Essa ressignificação nos remete à ideia proposta pelo filme “Medianeras”, onde cidades de paisagens cinzas, frutos de uma produção urbana desenfreada, transformam o cotidiano do cidadão em algo monótono e sem sentido. Sobre isso, a arte urbana no contexto da cidade moderna pode se encontrar em uma posição de suma importância, possibilitando a expressão de ideias “das mais variadas intenções, desde lúdicas até contestatórias” em uma sociedade que, por ser baseada na produção e no consumo, possibilita cidades repletas de símbolos que em conjunto formam “paisagens ideológicas impostas por grupos sociais dominantes” (CAETANO, 2017, p.78).

O picho e o grafitti então, apesar de estarem na maioria das vezes na ilegalidade, são meios de expressão que propõem alguma forma de contemplação, que quando ligados à ânsia de ocupação de um espaço que está vazio, se mostram um jeito barato e prático para se criar uma maior identidade com o local. O autor ainda faz os seguintes questionamentos sobre a “democracia da paisagem urbana”:

A reflexão ampla sobre as formas de arte urbana, representadas pelo grafitti e pela pichação, induz a aprofundar o debate sobre a democracia da paisagem urbana. A quem cabe estabelecer o que pode e o que não pode ser aceito na paisagem, diferenciando aquilo que agride daquilo que agrada aos olhos dos cidadãos que vivem nas cidades? Qual é a função da paisagem urbana? A quem ela deve servir? Entender a cidade como uma obra de arte que se expressa pelo conjunto de intervenções feitas por aqueles que com ela se inter-relacionam é um primeiro passo para elucidar essas questões. (CAETANO, 2017, p.87)

Apesar de o grafitti não ser a resposta para todos os problemas de deficiência da paisagem urbana, ele expõe a ausência; seja de identidade, alma, emoção, ou qualquer sentimento que ouse fazer contraste com a norma.

O debate sobre a paisagem urbana; sua presença ou ausência de identidade; a possibilidade de contemplação; e os estágios de percepção da/na urbe se estendem para além da problemática deste trabalho. Entretanto, é necessário reconhecer novamente o protagonismo dos “espaços vazios” como foco da fuga da cidade e do cotidiano, e *apresenta-lo* como tal.

3 Espaços Vazios em uma Cidade Patrimônio: O caso de Ouro Preto

Ouro Preto é a primeira cidade tombada pelo Iphan, em 1938, assim como a primeira cidade brasileira a receber o título de Patrimônio Mundial pela Unesco, em 1980. Segundo o site da prefeitura, a ocupação da cidade se deu “nas margens dos ribeiros, onde o ouro abundava, e nos morros que circundam a cidade, repletos de minas e sarilhos” (Site da Prefeitura de Ouro Preto). Este relevo da cidade, quando somado à sua arquitetura barroca característica, formam a paisagem que será relevante até os dias de hoje.

O movimento modernista que começou nos anos 1922 visava resgatar uma “*brasilidade autêntica*” (VILLASCHI, 2014, p.91), que identifica nas cidades barrocas, suas artes, literaturas e arquiteturas de características únicas, a possibilidade de protagonizarem a retomada de um Brasil autóctone, original dentro de si mesmo, sob a “*bandeira da renovação cultural no Brasil*”. Este movimento foi responsável por criar a base ideológica que ocasionou no tombamento de Ouro Preto, assim como por criar o denominado “estilo patrimônio” imposto a novas edificações, mais tarde adotado pelo próprio IPHAN, com o objetivo de preservar a paisagem histórica em um “congelamento” cenográfico da mesma.

Porém, antecedendo o tombamento, a capital de Minas Gerais passa de Ouro Preto para Belo Horizonte, mudança essa “*prevista na primeira constituição republicana do Estado, promulgada em 1891.*” (NATAL, 2013, p.1). Ouro Preto passa então por um período de esvaziamento e abandono, principalmente do centro histórico, questão que se agrava com o patrimonialização da cidade, onde está passa a ser um objeto de especulação imobiliária (BRASILEIRO, 2017).

Por ocasião do tombamento, o contingente de lotes ainda vagos no centro histórico era proporcionalmente grande. Enquanto a cidade esteve submetida à estagnação econômica, originada com a decadência do ouro em finais do Século XVIII e intensificada com a mudança da Capital da Província para Belo Horizonte em 1897, o quadro manteve-se inalterado. Mas a ampliação da Universidade de Ouro Preto, a implantação da Alcan a partir de 1936 e a intensificação da atividade turística vieram a alterar substancialmente as relações econômicas e, por consequência, o centro histórico - centralidade ainda simbólica e local de concentração da infraestrutura - passa a ser objeto de especulação do mercado imobiliário. (BRASILEIRO, 2017)

Segundo a autora, este contingente de lotes vagos foi confirmado pelos “*diversos registros fotográficos existentes em arquivos públicos e coleções particulares*”, por nunca terem sido levantados dados numéricos sobre o assunto, questão essa que vai se mostrar recorrente em pesquisas sobre o assunto.

A rigidez do processo de tombamento também vai afetar na questão da paisagem, que será idealizada de certa forma a compor com o patrimônio arquitetônico em questão. Este será o caso, por exemplo, da problemática relacionada a Vila Aparecida (BRASILEIRO, 2017) na época de sua construção, assim como a do Grande Hotel (JUCA, 2014), que se destacam da paisagem barroca do centro e sinalizam uma passagem da cidade pelo tempo, não necessariamente “aprovada” pelas elites intelectuais ou pela população, dependendo de cada caso.

A partir dos anos 1980, os centros antigos passaram a ser tratados como decadentes, graças aos conflitos entre a rigidez de suas configurações territoriais, o ritmo acelerado da reprodução do modo de produção capitalista e as renovadas dinâmicas das cidades. Esse cenário tem justificado a proliferação de grandes intervenções urbanas de vários tipos, ideologias e denominações: renovação, revitalização, ressignificação, recuperação, refuncionalização, reabilitação, entre outras, de sentidos nuançados, mas direcionadas à revalorização de áreas selecionadas pelo grande capital (VILLASCHI, 2014, p.70)

Estas ideologias, quando relacionadas aos “espaços em desuso”, vão se manifestar em diversas ressignificações de lugares característicos de Ouro Preto, como é o caso marcante da praça Tiradentes, que já suportou diversos modelos de infraestrutura (Figuras 8 a 11).



Figuras 8, 9, 10 e 11: Configurações arquitetônicas da Praça Tiradentes no tempo
 Fonte: Reis, 2000; Biblioteca Nacional, 2018; Alves, 2015; Idem Ibidem, 2015.
 Retirados de ARAUJO, 2018

Mesmo depois de sua criação oficialmente como praça em 1711 (ARAUJO, 2018, p.562), a função principal da Praça Tiradentes sempre foi, de certa forma, como um ponto de passagem e depois, de convivência, assim como o cartão postal principal da cidade. Apesar de por vezes as mudanças feitas nessa praça foram por questões práticas, de melhorar o fluxo, o conforto e entre outros, sua função como a alegoria central da cidade foi a principal influência para suas remodelagens, para representar Ouro Preto, sua evolução e modernismos no tempo. Segundo Juca Villaschi:

A Praça Tiradentes representou a primeira centralidade urbana planejada para Vila Rica, com ênfase na afirmação espacial do poder colonial e que, ainda hoje, predomina como imagem oficial da cidade. Principal elemento de articulação da totalidade urbana, essa praça nunca chegou a centralizar a vida cotidiana, longamente concentrada e expressa no uso, ocupação e apropriação dos núcleos de seus principais arraiais: Pilar e Antônio Dias. (VILLASCHI, 2014, p.73)

Mudar a paisagem da Praça Tiradentes sem dar a devida atenção às paisagens de seu entorno, mesmo dentro do centro histórico, torna esta busca por representar uma Ouro Preto “moderna” meramente cenográfica, sendo uma questão marcante na história do urbanismo na cidade.

Vale ressaltar que não é objetivo deste trabalho considerar a Praça Tiradentes como um “espaço vazio”. Mesmo que este espaço tenha tido características similares no passado, analisá-lo com um olhar o presente é uma falácia. O ponto aqui é o processo de ressignificação desta praça como um ato político.

Tendo em vista o que foi discutido até aqui, atualmente, pensar na cidade como um todo, entre seus “cheios e vazios”, é necessário para a tarefa de manter Ouro Preto como um polo relevante de turismo receptivo. Entretanto, será que mudar a infraestrutura de um lugar é a melhor solução? A única possível? Abrir o olhar para as possibilidades se torna interessante, com base na possibilidade de um turismo mais sustentável, de mais praticidade, menor custo potencial, se distanciando do objeto arquitetônico como único meio para este fim.

3.1 Estágios do abandono urbano: Vazio pra quem?

Existem diversas maneiras de se vivenciar a cidade, seja ela *moderna* ou *tradicional*, e muitas dessas maneiras não são por opção. O cotidiano do trabalho, do estudo e do lazer, apesar de em graus diferentes, costumam ser uma vivência de necessidade, seja de transporte ou da infraestrutura que ela oferece. Já o cotidiano do turismo é diferente, ele é uma vivência mais opcional da cidade, mas que requer desta mesma infraestrutura. A junção dessas duas vivências da cidade, pela necessidade de sua infraestrutura, criando uma espécie de *hegemonia*.

Esta infraestrutura vai mudar de cidade para cidade, e em uma cidade tradicional, por conta da especulação imobiliária, o centro histórico se destaca dos bairros ao seu entorno pela sua atividade turística. No caso de Ouro Preto, a vivência cotidiana de quem trabalha no centro histórico, dos estudantes relacionados a UFOP e ao IFMG, e dos visitantes da cidade, em teoria, se encontram nessa hegemonia que a cidade proporciona. Entretanto, pensar que estes cotidianos irão coexistir em harmonia é uma idealização da vivência da cidade, pois estes grupos irão se apropriar de lugares diferentes e, no caso do turista, muito mais limitados pela falta de experiência com a cidade.

Vale ressaltar que a diferença entre este último grupo dos demais tem a ver com a questão da diferença de classes econômicas, mesmo que muitas vezes

suposto, pelo imaginário que já existe sobre o turista, que muitas vezes é criado de maneira exaustiva vindo da experiência e da relação com turistas ao longo do tempo. É desta diferença de classes que se baseia a ideia do “imaginário do vazio” que está relacionado a presença dos espaços vazios citados até agora no cotidiano da cidade.

Com base também na ideia do livro “Paisagens do Medo” de Yi-fu Tuan (1979), para se estipular os estágios do abandono urbano, é preciso responder à pergunta: Vazio para quem? Tomemos o exemplo de uma noite em Ouro Preto na visão do turista, os lugares com iluminação deficiente ou inexistente irão se destacar dos bem iluminados, se tornando menos atrativos. O mesmo caso se repete de dia com a falta de fluxo em certos lugares, onde em ambos os casos o “desconhecido” do vazio pode abrir espaço para o medo, levando em questão a falta de conhecimento e experiência de um turista com a cidade.

Esta lacuna que separa o cotidiano do turista com o do morador local, seja ela pelo capital ou pela experiência, estará sempre presente nas relações e nos ruídos de comunicação entre esses dois grupos, mesmo que não escancarada. Viver o cotidiano de uma cidade é uma tarefa árdua, situação que se agrava caso presente diferentes condições econômicas, de gênero e as diversas outras problemáticas relacionadas às minorias. Aprender a se viver em uma cidade requer tempo e experiência, que é vendido para o turista em um pacote direcionado.

Sendo assim, os diferentes grupos que habitam a cidade vão se apropriar dos espaços dela de maneiras diferentes, um espaço que esteja vazio para o turista pode não carregar essa mesma perspectiva na visão do morador, que já está acostumado com esse tipo de paisagem (de estar vazio) ao mesmo tempo que conhece seus usos e apropriações cotidianas por meio da experiência.

É no sentido do “*estar vazio*” que muitos dos espaços de lazer de Ouro Preto poderão ser vistos e apropriados pela população como lugares de “respiro”, por estarem nas margens da apropriação turística. Entretanto, apesar de já estabelecido o tipo de uso destes espaços, é na constância que eles se mostrarão deficientes, criando o “*imaginário do vazio*” e do medo do desconhecido, quando presente.

3.2 Espaços Vazios Característicos de Ouro Preto

Tendo em vista a dificuldade de achar material sobre os espaços abaixo citados, a pesquisa sobre os espaços vazios marcantes de Ouro Preto e suas características tem como base a tese de pós-graduação da autora Alice Viana de Araujo (2018) intitulada “ESPAÇOS LIVRES DE USO PÚBLICO EM OURO PRETO-MG: Heranças Históricas, Desafios Contemporâneos”, onde a autora, sob esta mesma dificuldade, explica:

Esse foi, talvez, o principal desafio para a elaboração do presente trabalho, pois nos registros históricos encontramos informações sobre os pedidos de aforamento, listas de tombamento, documentos sobre arrematação de obras, entre outros - todos referentes à edificações, mas muito pouco sobre os ambientes não edificados de uso público. Assim, compreendemos que o empreendimento dessa tarefa talvez pudesse ser a mais valiosa contribuição deste trabalho ao avanço dos estudos sobre os espaços públicos de Ouro Preto, levantando também mais questionamentos sobre a forma de organização dos sistemas de espaços públicos das cidades coloniais brasileiras. (ARAUJO, 2018, p.274.)

Nesta tese a autora faz uma análise expositiva de todos os espaços públicos de lazer em Ouro Preto, dando dados sobre a infraestrutura e história desses locais, assim como “potenciais explorados e não explorados”. A pesquisa teve como base a seguinte subdivisão: 15 largos, 20 praças, 15 adros, 1 parque, 6 pontes, 2 mirantes, totalizando 59 espaços. Entender estes espaços e suas funções é interessante para contextualizar os espaços estudados como “espaços vazios” e como estes se adequam às demandas de lazer de Ouro Preto.

Talvez o caso mais gritante de um espaço vazio atualmente em Ouro Preto seja o Horto dos Contos, que apesar de ter sido reaberto recentemente, passou por um grande período de abandono, com (quase) todos os seus acessos fechados. Este sem dúvida alguma estaria no topo da hierarquia dos espaços abandonados.

Entretanto, os espaços seguintes a serem estudados tornam esta pergunta um tanto quanto retórica, sem resposta, pois apesar de estarem “abandonados” em algumas perspectivas, eles têm um tipo específico de utilidade para a cidade, porém não em uma constância ou finalidade desejada para a cidade ou para o turismo. Este é o caso da Praça da UFOP e a Praça da Ponte Seca.

Em um meio termo entre esses dois tipos de espaços delimitados está o Morro da Forca, que se encontra completamente abandonado, porém abriga uma constância

de visitação relevante para um espaço com suas características. Este espaço é procurado por ser um dos mirantes mais importantes do centro histórico.



Legenda 1 - Horto dos contos 2 - Praça da Ponte Seca 3 - Praça da UFOP 4 - Morro da Forca

Figura 12: Mapa dos espaços estudados

Fonte: Autoria Própria

Base Cartográfica: Google Earth

Outros espaços de lazer que valem a pena serem citados são: os mirantes da UFOP e do Morro São Sebastião; o campo de futebol da  gua Limpa e o campus da UFOP; Os Largos das igrejas e as diversas pontes da cidade; os parques das Andorinhas e do Itacolomi.

Estes mirantes (assim como o Morro da Forca) cont m vistas distintas do centro histórico, apresentando novas perspectivas sobre a cidade, questão relevante com base no foco do turismo sobre a arquitetura barroca e a paisagem marcante da cidade.

Já o campo de futebol e o campus da UFOP (assim como a Praça da UFOP) são uns dos poucos espaços públicos da cidade que apresentam um terreno plano próprio para corrida e caminhada, sendo importantes para a qualidade de vida na cidade.

Os largos e pontes da cidade cumprem principalmente com a função de oferecer permanência para espaços de passagem. Apesar de estreitos, é possível ver frequentemente grupos de pessoas reunidas na Ponte da Barra (JUCA, 2011) e na Ponte dos Contos, por exemplo, assim como os largos das igrejas são usados também para fins não necessariamente turísticos. É no costume e na vivência cotidiana da cidade que apropriações talvez “pouco convencionais” aos olhos do turista, principalmente nas pontes, se torna possível, sendo importante ressaltar que estes também fazem parte dos poucos espaços planos da cidade, sendo relevantes para o lazer na cidade mesmo que não voltados diretamente para o mesmo.



Figura 13: Jogo de cartas na Ponte da Barra

Fonte: VILLASCHI, 2014

Por fim, é importante citar o crescimento constante do ecoturismo em Ouro Preto, diversificando o turismo na cidade e dando foco à demanda de uma experiência mais voltada à natureza que foi citada no capítulo dois deste trabalho. Para além dos parques ambientais da cidade, que são claramente equipamentos essenciais para este tipo de turismo, a questão das áreas verdes será explorada mais à frente.

3.2.1 A praça/estacionamento da UFOP

A praça da UFOP fica localizada no bairro do Pilar e consiste em um terreno majoritariamente plano, com exceção da sua área de encosta amplamente arborizada. Ela é utilizada principalmente como espaço vago para estacionamento de carros, no caso de eventos no Centro de Convenções, assim como para eventos que necessitam de uma infraestrutura maior, como shows e grandes encontros.

Exemplos destes seriam o Carnaval ouro-pretano, o Festival de Inverno que também utiliza do espaço, a Festa Junina da cidade e outros eventos de maior ou menor porte, mas mais esporádicos.

Quando este espaço se encontra em desuso para fins turísticos, ele é utilizado pela população para diversas atividades de lazer ativo e passivo, sendo procurada principalmente por conta de ser um dos únicos terrenos planos em Ouro Preto, tornando-a própria para caminhadas, assim como passeios com cachorros e recreação infantil, tendo em disposição para este último um parquinho de areia que costumava ter balanços e outros equipamentos para esta finalidade.

A praça também fazia parte do que era conhecido como Praia do Circo durante o final do século XIX, onde, de acordo com vários relatos de jornais da época, aconteciam atrações circenses (ARAUJO, 2018), consolidando desde então este espaço como destinado ao lazer e ao ócio.

Uma questão importante sobre os eventos realizados no local, principalmente os de grande porte, é a situação à qual a praça é submetida durante a construção da infraestrutura modular necessária para o respectivo evento. Um dos melhores exemplos para sintetizar essa situação é a realização do ENEJ em 2018, onde a praça ficou fechada durante aproximadamente dois meses para a construção de uma infraestrutura extravagante, desconsiderando o uso diário no local e sua importância.



Figuras 14 e 15: Praça da UFOP e infraestrutura para o evento ENEJ
Fonte: Site do Centro de Convenções; Site do Jornal Voz Ativa, 2018

3.2.2 A praça da Ponte Seca

A praça da Ponte Seca está localizada no bairro Rosário e foi feita com o objetivo de criar uma área de lazer neste mesmo bairro, “resultante do processo de desmembramento dos fundos dos lotes localizados na Rua Getúlio Vargas”, que foi “construído e inaugurado em 2011” (ARAUJO, 2018).

Por estar localizada abaixo de uma rua mais movimentada, que está dentro da rota das igrejas Rosário e Pilar, esta praça “não apresenta muita vitalidade” que, somado à sua arquitetura, principalmente o muro que separa este espaço da rua, pode gerar um certo afastamento do público que não conhece a sua função.

A falta de um elemento marcante em sua paisagem também contribui para torna-la um espaço pouco atrativo, sendo esta paisagem composta principalmente do bairro do Pilar, o morro que fica ao lado da Praça da Estação e o mirante da UFOP.



Figura 16: Foto antiga da Ponte seca, percebe-se a encosta ao fundo que será lugar para a praça

Fonte: Site do Iphan



Figura 17: Praça da Ponte seca

Fonte: Arquivo pessoal

3.2.3 O morro da Forca

O morro da forca, como o nome diz, foi utilizado para efetuar enforcamentos durante o Período Imperial, sendo reconhecido até hoje pelo passado de sua função. Atualmente, este espaço é utilizado como um mirante de vista privilegiada para o centro histórico, sendo um espaço de lazer voltado para a contemplação onde também raramente acontecem eventos.

Apesar do posicionamento privilegiado no centro histórico, o local é de difícil acesso, sendo este por meio de uma escada até sua área plana. Já foram feitos para o morro da forca diversos projetos de apropriação e ressignificação, entretanto, poucos destes foram realizados.

Segundo Alice Viana de Araujo (2018), já existiram projetos para um jardim público, um pavilhão permanente, um monumento em homenagem à Tiradentes (que hoje se encontra no meio da Praça Tiradentes), assim como variados projetos que visavam aplainar o morro, todos estes não chegaram a ser completados, por conta principalmente da falta de verba, porém na maioria das vezes estes projetos eram descartados e desmoralizados por conta do espaço, que era visto como um “terreno árido, enfezado e estéril” e de características visuais desagradáveis em geral.

Sobre as apropriações deste espaço, a autora cita, sem precisão sobre a duração, o acontecimento de touradas no Período Imperial, assim como o uso do espaço como mirante “apesar da precariedade de acesso que este sempre pareceu ter”.



Figuras 18 e 19: Diferença na manutenção do Morro da Forca
Fonte: Arquivo Pessoal

3.2.4 O Horto dos Contos

O parque é dividido por duas partes, ao norte fica localizado o Horto dos contos, e sua parte sul é chamada de Vale dos contos, separados pela Ponte dos contos. Antigamente este espaço abrigava o primeiro jardim botânico da cidade, inaugurado em 1799 (ARAÚJO, 2018, p.659).

Em 2008, “após muitas décadas do encerramento das atividades do horto”, o espaço foi convertido em parque, modelo ao qual este se encontra atualmente. O parque tem a sua disposição um vasto mobiliário, composto de “Bancos, mesas, fontes, mirantes, equipamentos de recreação infantil, quadras esportivas, anfiteatros, trilhas, lanchonetes e banheiros públicos”, assim como quatro opções de acesso, sendo estes o da rodoviária, ao norte, o da Igreja do Pilar ao sul, o da Praça Tiradentes via Largo Orlando Trópia e o acesso principal pela Casa dos Contos.

Durante a confecção deste trabalho, o parque se encontrava fechado ao público desde 2012, pela parte sul, e de 2015 pela parte norte, até ser reaberto oficialmente em 2021. Segundo a autora, o motivo do fechamento se deu, principalmente, por conta

do perigo de deslizamentos no local, principalmente no período de chuvas, característica de diversos espaços de Ouro Preto por conta de seu relevo.

Tendo em vista esta reabertura recente, o parque carrega sua antiga função de ser principalmente um espaço de passagem entre a rodoviária e o Pilar, coberto de área verde que muitas vezes limita a visão de outras áreas da cidade em sua paisagem, sendo também propício à permanência devido a sua vasta infraestrutura.

Por fim, é necessário salientar que apesar do “abandono” gerado pelo tipo de apropriação ocasional destes quatro espaços, principalmente no quesito do turismo, estes espaços cumprem com sua função social, de serem voltados ao respiro, relaxamento e contemplação, assim como estando localizados estrategicamente perto de comércios e pontos turísticos, ofertando conforto no “meio-termo” de diversas atividades.

Entretanto, esta função social é extremamente subaproveitada, sendo deixada ao acaso e à iniciativa da própria população/turista, ao invés de sua ocupação ser incentivada de maneira constante. A dificuldade de manutenção destes espaços, devido à suas áreas verdes também ajuda nesta questão, incentivando também na limitação do imaginário de possibilidades que estes espaços carregam.

Sendo assim, quais seriam estas possibilidades de apropriação mais “permanentes”? Com o objetivo de nos afastarmos do objeto arquitetônico como solução, por seu custo e demora que muitas vezes não atende aos anseios do espaço/população, poderia o Morro da Forca não depender da sua infraestrutura extremamente deficiente? Poderia a Praça da Ponte Seca ter mais protagonismo dentro dos equipamentos disponíveis para o turismo na cidade? Seria a Praça da UFOP interessante somente para eventos e sua eventual locação como estacionamento, aparte do seu uso cotidiano “não incentivado”? Teria o Horto dos Contos um potencial maior do que o de hoje presente?

Discutir esta problemática se mostrou interessante no contexto da demanda gerada pela pandemia do Covid-19. Entretanto, as questões do descaso de um lazer acessível e interessante a todos estão são anteriores à pandemia, devido principalmente às limitações de uma cidade patrimônio, apesar de acentuadas pela mesma.

Cap. 4 Resignificação como estratégia de resgate dos espaços vazios

4.1 Resignificação sócio-espacial dos espaços vazios em Ouro Preto

Este trabalho se utilizou de uma pesquisa qualitativa e observacional como metodologia, assim como a pesquisa bibliográfica. A pesquisa de caráter observacional consistiu na experiência e visão sobre os quatro espaços citados durante meu tempo em Ouro Preto, principalmente no período de março de 2017 até dezembro de 2020, onde fiz visitas cotidianamente (em alguns casos) a muitos destes espaços, com o objetivo de passear com duas cadelas, motivação que se mostrou conflituosa devido ao uso e apropriação turística da cidade e sua infraestrutura disponível, porém também prazerosa, em muitos momentos, mas acima de tudo tediante.

Os questionários consistiram em duas pesquisas diferentes, uma com dez perguntas entre quantitativas e qualitativas que foi aplicado em 55 guias de turismo da cidade de Ouro Preto, obtendo somente 9 respostas. O segundo foi uma entrevista em formato de questionário qualitativo aplicado em 3 atuantes no turismo da cidade, sendo estes a Turismóloga oficial da Secretaria Municipal de Turismo de Ouro Preto e com a Diretora administrativa do Centro de Convenções, e com o Diretor da Secretaria Municipal de Patrimônio.

Ambos tiveram como objetivo entender qual a visão destes agentes sobre os espaços citados no capítulo três deste trabalho, assim como subtrair histórias e propostas de atuação destes locais.

Entretanto, devido a pandemia do Covid-19 e suas consequências em minha vida pessoal, a aplicação destes questionários e entrevistas se mostrou insuficiente e decepcionante, acredito que pela apatia gerada pelo contato online somado ao tema que talvez necessitasse de uma maior intimidade, para questionar e entender por parte do entrevistado. O contato exclusivamente online pode também ter contribuído para a desmotivação em responder a pesquisa, onde somente ~20% das pessoas contatadas mostraram algum interesse, assim como também minha abordagem para com o assunto. Por conta disso, estes questionários foram usados somente como um norteador para as propostas que serão discutidas mais à frente.

Apesar do menor retorno do que o esperado, a visão dos guias de turismo de Ouro Preto se mostrou interessante por conta do contato direto com muitos dos turistas da cidade e seu cotidiano, sendo o questionário destes voltados mais à parte prática da atividade, e o dos atuantes no turismo de Ouro Preto voltados mais à parte teórica.

Uma questão importante destes questionários foi a do tempo de permanência dos turistas na cidade (Tabela 1), onde fica entendido que o turismo em Ouro Preto costuma ser algo mais rápido, sendo que normalmente o pacote da cidade é vendido junto com a visita de outras cidades históricas, tais como Mariana, Diamantina, Tiradentes e Belo Horizonte, por conta de seu aeroporto.

Em questão tempo de permanência em Ouro Preto, que tipo de turistas você mais recebe?

8 respostas

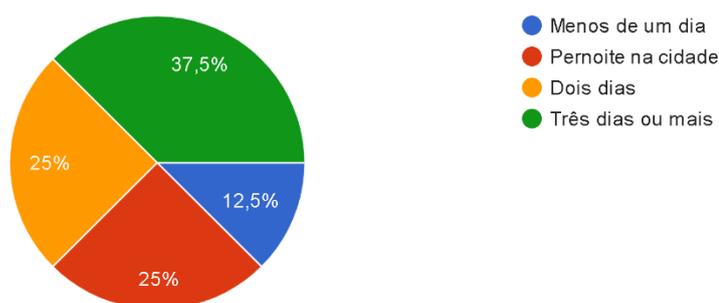


Gráfico 1: Tempo de permanência em Ouro Preto

Dentro das perguntas específicas sobre os espaços estudados, o Horto dos Contos é o que ganhou maior destaque, com a grande maioria dos respondentes concordando sobre sua importância histórica e estratégica, sendo importante que este já se encontrava aberto para o público no momento de aplicação deste formulário.

Como você avalia o Horto dos Contos para o uso turístico?

9 respostas

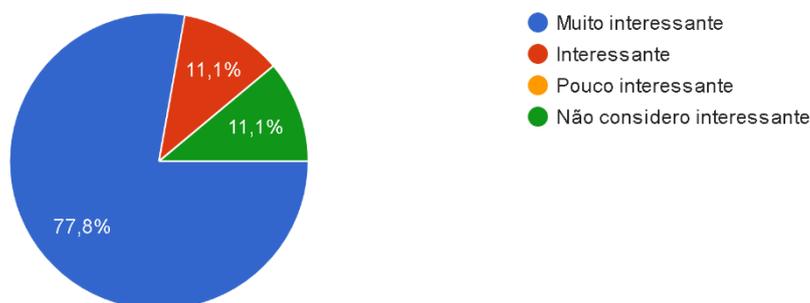


Gráfico 2: Avaliação turística do Horto dos Contos

Sobre o Morro da Forca, apesar dos 55,5% entrevistados entenderem este como um espaço interessante para o turismo, seu atual estado de abandono influencia sua percepção como um lugar perigoso, que carece de manutenção, acessibilidade e de um projeto de revitalização segundo as pesquisas. Este foi o espaço que mais demonstrou o descontentamento com sua situação atual.

Como você avalia o Morro da Forca para o uso turístico?

9 respostas

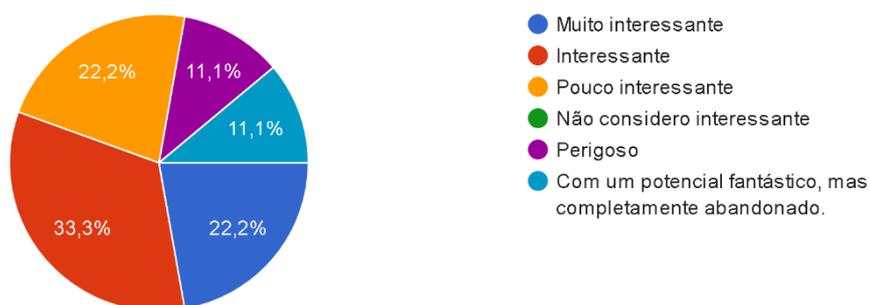


Gráfico 3: Avaliação turística do Morro da Forca

Já a Praça da Ponte Seca não obteve um apontamento de interesse predominante, talvez por não estar incluída nas vias de passagem principais para o centro histórico, sendo voltada mais para o uso da comunidade local, como foi citado anteriormente. Foi citado sobre a história do local como “ali, antes de ser parque, era puro mato”.

Como você avalia a Praça da Ponte Seca para o uso turístico?

9 respostas

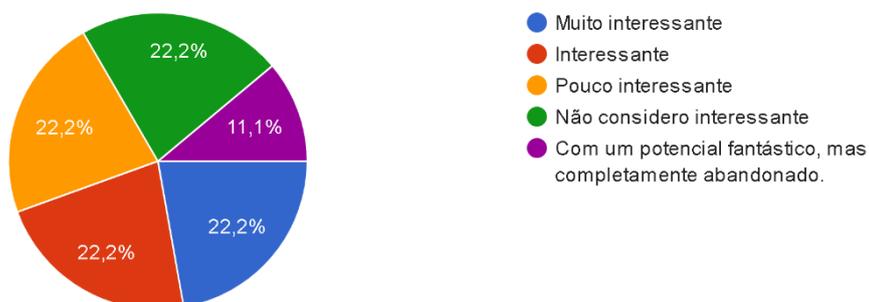


Gráfico 4: Avaliação turística da Praça da Ponte Seca

Por fim, a Praça da UFOP foi a que mais se destacou no quesito de desinteresse turístico, apesar dos esporádicos eventos que ela suporta, ou do seu uso, também esporádico, como estacionamento em caso de evento no Centro de Convenções. É citado também sobre a praça a falta de aproveitamento como um estacionamento voltado também para a população, “mesmo que por meio de um rotativo”. Segundo um dos entrevistados, antes da pandemia estava tendo feira de produtos orgânicos no espaço todo sábado de manhã.

Como você avalia a Praça da UFOP para o uso turístico?

9 respostas

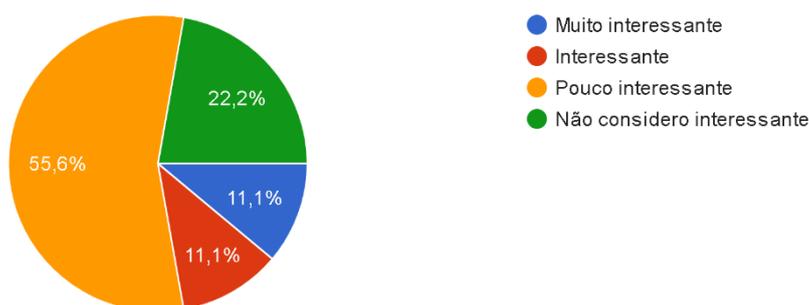


Gráfico 5: Avaliação turística da Praça da UFOP

Outras questões interessantes citadas nestes formulários foram: a possibilidade da prática do *birdwatching* nos espaços citados; a falta de acessibilidade e atração dos eventos realizados no centro para a população de regiões mais

periféricas; a falta de divulgação e de atrativo desses espaços para o uso turístico, sendo este mais o caso das praças da UFOP e Ponte Seca, que servem mais como espaços de articulação.

Sobre a pandemia do Covid-19, foi citado brevemente a situação econômica que a cidade se encontra após as quebras das barragens de Mariana e Brumadinho, onde muitos dos trabalhadores atuantes na área da mineração perderam seus empregos e buscaram novas oportunidades no turismo, segundo “carro chefe” da economia da região que foi profundamente afetado pela pandemia.

Seguindo a orientação dada por este formulário, assim como pela pesquisa teórica e a experiência em campo, existem algumas similaridades entre estes espaços: todos contêm iluminação deficiente (sendo a melhor destas a da Praça da UFOP) e espaços que fogem do campo de visão de quem está entrando no local, são estes: o parquinho de areia da Praça da UFOP; o banco na parte de cima da Praça da Ponte Seca; o monumento no “segundo andar” do Morro da Força; e diversos espaços do Horto dos Contos por razão de seu tamanho.

Estes espaços contribuem para o “imaginário do medo” citado no capítulo três, onde geram uma divisão dos espaços estudados que, por consequência disso, irão abrigar diferentes formas de apropriação, sendo as de caráter ilegal e “impróprias” para um espaço turístico acontecendo justamente onde a visão de fora “não alcança”

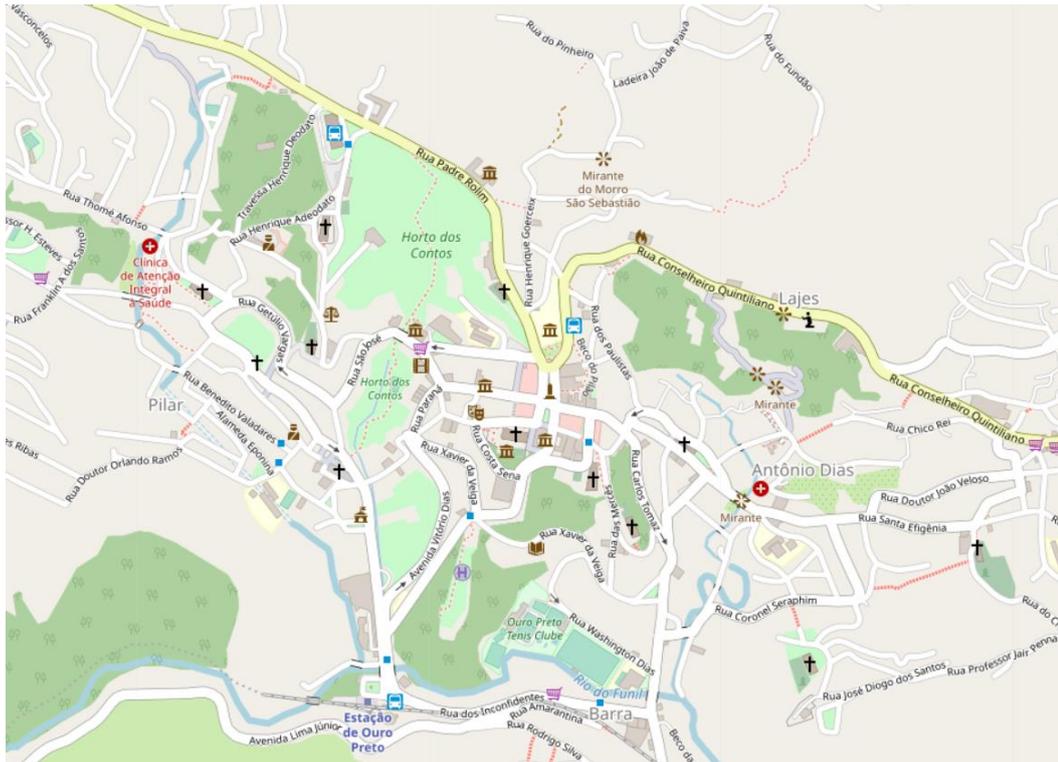


Figura 20: Mapa de Ouro Preto com foco nas áreas verdes
Fonte: OpenStreetMap

Outra similaridade em todos os espaços citados é a área verde presente em suas paisagens e extensão, sendo os únicos espaços com esta característica que podem ser visitados no centro histórico. Para entender melhor esta situação, observe na figura X que as áreas verdes do centro histórico são divididas entre áreas de encosta e os quatro espaços estudados neste trabalho (sinalizados em verde claro), com poucas exceções. Dentro deste mapa é possível também perceber a proximidade que estes quatro espaços têm entre si.

Talvez o motivo desta questão não estar tão aparente seja por conta da paisagem da cidade, verde por conta dos morros que cercam o vale onde está situada, como também de algumas árvores esporádicas, porém relevantes na paisagem.

Apesar disso, por ser uma cidade histórica, tem uma deficiência marcante de árvores no seu centro histórico, gerando como consequência a falta de espaços públicos com sombra.

O mapa utilizado na figura 20 também oferece um sistema de mapeamento de fluxo por GPS (figura 22). As cores utilizadas servem para indicar o sentido do movimentos, utilizando a *matiz* de cada cor conforme postas na roda de cores (figura20), sendo o vermelho da esquerda para a direita, o ciano da direita para a

esquerda, o verde de sul a norte e o roxo de norte a sul. Apesar do mapa apresentar a predominância comum do sentido tomado, usando linhas mais grossas para representar um maior fluxo, ela não nega outros sentidos.

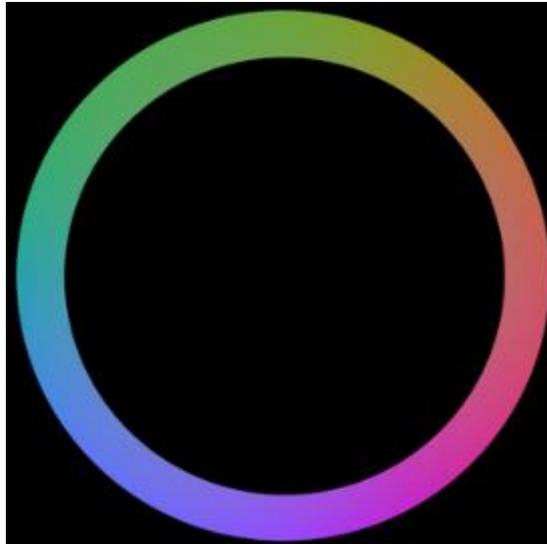


Figura 21: Roda de cores
Fonte: Wikipédia



Figura 22: Mapa de Fluxo de Ouro Preto
Fonte OpenStreetMap

Dentro deste mapa é possível perceber grandes fluxos subindo a Avenida Vitorino Dias e a Rua Direita, assim como descendo a Rua Alvarenga, além de outros grandes fluxos relacionados ao Antônio Dias, sendo os primeiros mais relevantes para este trabalho por envolverem a Praça da UFOP, mostrando o movimento existente

em seu entorno, assim como o fluxo que passa pela Praça da Ponte Seca, contradizendo o que foi citado anteriormente sobre essa rua ser mais “bucólica”.

Levando em conta o que foi visto até agora sobre as similaridades; diferenças; proximidade e posicionamento estratégico; uso diário e características gerais destes quatro espaços, é possível perceber que estes cumprem com uma função social de nicho em Ouro Preto, direcionada a um grupo menor de pessoas, porém de todos os grupos.

A necessidade de ressignificar estes espaços não se baseia inteiramente na presença ou não de infraestrutura e mantimento destes lugares. Ela se baseia na ausência de uma “união” entre eles, por serem os únicos espaços públicos com área verde marcante, além de algumas exceções.

Já foi mostrado que a ressignificação por meio da arquitetura pode ser usada de maneira política, como é o caso da Praça Tiradentes. Entretanto, visando a demanda de um turismo pós-pandemia, que reconquiste o turista por meio da ocupação sustentável, principalmente do espaço público, como podemos “ressignificar” sem depender da arquitetura? E do consumo?

4.2 Pensar o vazio: uma análise das possibilidades

As propostas para a (re)apropriação destes espaços se baseiam nas seguintes ideias: Cultivar um senso de comunidade; incentivar a contemplação ativa e passiva; remodelar o futuro real/desejado da cidade e seu cotidiano, assim como seu entendimento por seus moradores; e, por fim, articular estes quatro espaços citados por meio de projetos.

As seguintes propostas levam em consideração tipos de apropriação do espaço que utilizem da infraestrutura existente ou móvel de pequena escala, tendo maior foco no público infantil, por lidar com o espaço de forma mais lúdica, trazendo um novo olhar ao espaço e dando demanda para uma maior constância de formas criativas de ocupação. São estas:

Cinema comunitário

Sessões de cinema ao ar livre são usadas como estratégia de aproximação da população por diversos projetos e grupos sociais. Este é um tipo de evento que chama atenção e dão vida à noite da cidade. O projeto CineOp é a representação mais

marcante deste evento na cidade, que se utiliza de uma infraestrutura modular considerável, que consiste de tela, suporte para a tela e um retroprojetor.

O CineOP em sua edição mais recente em 2022 também trouxe o “CineOp nos Bairros”, efetivado nos bairros Padre Faria e Piedade. O evento consistiu em “sessões de cinema, intervenções circenses e espetáculos de mágica”. (site do jornal O Espeto, 2022)



Figura 23: Evento CineOp na Praça Tiradentes
Fonte: Site Blog do Arcanjo



Figura 24: Evento CineOp nos bairros

Fonte: Site do Jornal O Espeto

Dos espaços estudados, a Praça da UFOP e o Morro da Forca são os mais propícios para receber um evento deste tipo. Entretanto, tendo o foco na constância que um evento deste tipo poderia ter ao longo do ano (sendo assim reduzindo ao máximo seus custos com infraestrutura), a parte externa de algumas igrejas (Figura 23), somado aos seus largos se mostram espaços chave para tal tipo de apropriação.



Figura 25: “Espaço vazio” propício para filmes na Igreja São Francisco de Assis

Fonte: Arquivo pessoal

Horta comunitária

Um dos melhores exemplos do ideal “pensar global, agir local”, as hortas comunitárias se mostraram na pandemia como talvez o meio mais político de apropriação do espaço. Com exemplos nos bairros Vila Aparecida e Padre Faria (site do jornal Lampião, 2021), e São Sebastião, esta é uma maneira eficaz de unir o cotidiano diferentes moradores e estudantes, criando um maior senso de comunidade.

Apesar de não estarem ligadas diretamente ao turismo, estas hortas colaborariam com um maior fluxo de pessoas, característica deficiente dos espaços vazios, sendo assim gerando um maior conforto em entrar/permanecer nestes

espaços e diminuindo o “medo”. São também um ótimo meio de praticar a sensibilidade e sustentabilidade, principalmente para o público infantil.

Dentro dos espaços estudados, seriam próprios para este tipo de atividade o Horto dos Contos, que mesmo após sua abertura continua com sessões de sua infraestrutura abandonadas, e a Praça da Ponte Seca em menor estância.

Reciclagem

Assim como mesas de jogos de xadrez e damas, os sistemas de reciclagem são outra forma lúdica de ocupar o espaço de maneira permanente. Com foco também no público infantil, as coloridas lixeiras de reciclagem, somadas com uma participação ativa da comunidade local e incentivo do governo, se mostram como uma atividade importante no processo de reconexão com a natureza por meio da sustentabilidade, demanda ainda latente no pós-pandemia.

Um exemplo marcante desta atividade é a Associação de Catadores de Material Reciclável da Rancharia (ACMAR), que recicla vidro com ajuda do Projeto Reciclar, onde também “foram desenvolvidos cursos de capacitação em escolas ensinando para crianças a reutilização e incentivando a coleta de vidro” (OuroPreto.com.br).

Dentro dos espaços estudados, a Praça da UFOP se mostra o espaço mais propício para este tipo de atividade, por conta do acesso para veículos maiores em sua entrada, podendo servir como ponto de coleta, sendo está uma atividade com foco principalmente no público infantil como atividade lúdica, necessitando de projetos articulados com as escolas.

Arte urbana

Como citado anteriormente, manifestações de arte na cidade são usadas para gerar uma maior identidade com o local, sendo pontos de referência na paisagem e possibilitam a contemplação. No caso de Ouro Preto podemos ver alguns exemplos deste tipo de “ocupação” no espaço público, tais como pinturas da paisagem barroca vendidas em diversos pontos do centro histórico, assim como alguns grafites esporádicos pela cidade, sendo um bom exemplo destes os tapumes pintados no Muro dos Namorados (Figura 24), mesmo que temporários.



Figura 26: Intervenção artística urbana Tapume+Arte
Fonte: Site Foco na Noticia, 2017



Figura 27: Grafite na trilha do trem na Barra
Fonte: Site do Jornal Lampião

Entretanto, por ser uma cidade tombada pelo IPHAN, os grafites normalmente estarão na ilegalidade, em espaços que fogem da visão do turista, e no caso de pinturas e outras obras de arte, são mais próprias de serem expostas em museus

fechados, por conta da infraestrutura já existente e da proteção ao clima. Dentro dos espaços estudados, o Morro da Forca seria o local mais interessante para este tipo de manifestação.

Um grafite em seu “heliponto” poderia ser visto de ambos mirantes da UFOP e do Morro São Sebastião, assim como de outros pontos. Para além da questão patrimonial, este projeto estaria sujeito ao desgaste do clima e do fluxo de pessoas, por um lado, e é uma maneira interessante de ressignificar e trazer luz à história do local, também sendo um tipo de apropriação que leve em conta a forma frágil do terreno, não necessitando de muita infraestrutura, caso se opte por uma exposição que não utilize do patrimônio, por meio de telas por exemplo.

Iluminação

A iluminação é um tipo de ocupação visual que afeta a vida noturna da cidade. Em julho de 2020 a cidade aderiu ao projeto Cidade Inteligente, por meio de uma parceria público-privada, que visa substituir as lâmpadas de vapor de sódio pelas de LED, assim como prevê melhorias na iluminação pública em áreas onde esta é precária, tanto na sede quanto nos distritos (site Archdaily, 2020).

Este projeto possibilita o uso de cores em diversos pontos turísticos, trazendo vida à noite no centro histórico. Dentro dos espaços estudados, este tipo de manifestação seria próprio principalmente às praças da Ponte Seca e UFOP, por conta da ausência de qualquer tipo de iluminação na primeira, por conta de atos de vandalismo, e da ausência de postes de luz no parquinho de areia da última, ambos trazendo insegurança para os respectivos locais.

Conclusão

A quarentena do Covid-19 expôs a dependência do consumo como forma de lazer na sociedade. Sendo assim, novos espaços, antigamente abandonados, passam a ganhar protagonismo em uma urbe deficiente perante o crescimento descontrolado. No caso de Ouro Preto, onde este crescimento se deu às margens do centro histórico, alguns espaços dentro deste carregam um protagonismo enorme, tendo em vista o passado da cidade como palco político na imagética de Tiradentes e no título de ex-capital de Minas Gerais.

Ocupar espaços em desuso no contexto urbano não só é necessário para a saúde mental e segurança no cotidiano, como também é um processo político, de ressignificar a cidade na visão da sustentabilidade e se distanciar do futuro apocalíptico retratado em diversos filmes de ficção. Mesmo que superficialmente, a ocupação por meio da arte urbana, de áreas verdes em lugares antes inimagináveis, de projetos de sustentabilidade, reciclagem, e cultura em geral criam na cidade um senso de comunidade que traz esperança e deve ser cultivado.

A esperança de um futuro melhor deve, ou pode, partir do povo, mas para isso é necessário dar oportunidade, seja de ação direta ou de contemplação, de aprender a ouvir o que não está sendo dito, mas que pode ser visto em todo canto.

A possibilidade de articular espaços considerados em desuso por meio de uma delimitação de seus semelhantes pode ser um grande recurso para diferentes setores do turismo, e aprender a identificar estes recursos estagnados, seja no espaço público ou em empreendimentos, por meio da articulação de interesses, pode ser um processo interessante, se não necessário, no enfrentamento desta e de outras crises econômicas no setor.

Acredito que este é um tema rico de conteúdo e que se estende para muito além do que foi visto aqui, mas cabe ao curso de Turismo se apropriar do protagonismo deste tema, por sua característica extremamente multi e interdisciplinar. Durante a confecção deste trabalho, muitas manifestações que seguem a proposta deste aconteceram no Brasil e no mundo, como continuarão a acontecer pela pertinência do tema.

À título de recapitular os temas neste trabalho abordados, e também “dar corda” para trabalhos futuros sobre o tema, podemos perceber como espaços citados por

Cristina Soares se materializam hoje em Ouro Preto, com foco nos *vazios verdes* que compõem a paisagem por meio das diversas encostas da cidade, o *vazio de paisagem* pelo contraste destas (encostas) com o patrimônio construído no centro histórico, e os *vazios expectantes*, que por mais que tenham uma maior presença nos bairros ao redor do centro, o “imaginário de expectante” (como foi explicado no capítulo 3.1) está presente em todo espaço que não tenha sido extremamente turistificado na cidade (centro histórico), raridade devido sua história e importância.

Sobre os outros três espaços da autora não utilizados neste trabalho, por terem foco na cidade moderna, existem inúmeras possibilidades de estudo e projetos, com possibilidade de apoio de ambas instituições públicas e privadas. A dependência do sistema rodoviário individual, as *idades cinzas* depressivas e desassociadas da natureza, cultura, identidade, e etc. A dependência dos Não Lugares de Marc Augé para gerar um conforto para o turista, e ao cidadão. O desejo de “fuga da cidade” e reconexão com a natureza, aflorados pela pandemia do Covid-19. Todos são temas interessantes a este assunto, mas que carecem de um maior tempo e de pesquisas mais focadas, de acordo também com cada objeto físico de estudo.

Sobre temas não citados neste trabalho, estão o uso de rodovias (*vazio de cedência, infraestrutural*) pela fauna brasileira e suas consequências; o “desejo pelo *vazio*” na atividade turística, principalmente por conta do sucesso das fotos e vídeos em mídias sociais; o uso de parques ambientais e a super lotação de praias e cachoeiras (apesar de se estenderem para muito além deste tema). O *vazio* está diretamente ligado ao descaso, no tema da cidade, urbanização e oferta turística, mas mesmo o descaso deve ser pensado.

BIBLIOGRAFIA

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares, Introdução a uma antropologia da sobre modernidade.** Editora 90 Graus, Lisboa, 2005.

ARAUJO, Alice Viana, **Espaços livres de uso público em Ouro Preto-MG: Heranças Históricas, Desafios Contemporâneos,** Belo Horizonte, 2018

BRASILEIRO, Vanessa & DANGELO, André. (2017). **Ouro Preto, Vila (Des)Aparecida: a difícil relação entre o centro histórico e suas áreas de entorno.** Oculum Ensaios.

BOHRER, Alex, **História,** Prefeitura Municipal de Ouro Preto, disponível em: ouropreto.mg.gov.br/história, acesso em 21/10/21

CAETANO, Fernando Domingues **Reflexões teóricas sobre a inserção do graffiti e da pichação na paisagem urbana: uma arte “contra-racional”?** Geograficidade | v.7, Número 1, Verão 2017

CARLOS, Ana Fani. **O Turismo e a Produção do Não-Lugar.** Do livro: Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura, Editora Hucitec, p. 25-39, 1999.

COELHO, Carla. **Não-Lugares – uma leitura crítica sobre a ótica do turismo.** Segundo seminário de pesquisa em Turismo do Mercosul, setembro, 2014.

CAVACO, Cristina Soares. **Os Espaçamentos Ilegítimos ou a Condição Suburbana do Vazio.** Lisboa: ISCTE, 2007. Actas do Seminário de Estudos Urbanos - Vazios Úteis.

FRACALOSSI, Igor. **Terrain Vague/Ignasi de Solà-Morales.** 2012. Disponível em <http://www.archdaily.com.br/br/01-35561/terrain-vague-ignasi-de-sola-morales>

HENRIQUES, Raquel. **Construir o Vazio:** Ampliação da Faculdade de Arquitetura. Lisboa, 2014.

MENDONÇA, Eneida. **Apropriações do espaço público:** alguns conceitos. Espírito Santo, 2007.

NATAL, C. M. Ouro Preto e as primeiras representações da cidade histórica. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, Campinas, SP, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8635117>. Acesso em: 21 out. 2021.

NECA, Bruno Rodrigues, RECHIA, Simone. Universidade Federal do Paraná (UFPR) Curitiba – PR – **Brasil Ficar em casa ou ocupar os espaços de lazer ao ar livre? reflexões e possibilidades para uma apropriação segura dos diferentes espaços públicos de lazer em tempos de pandemia**. Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer – UFMG Aprovado em: 18/11/2020

PIMENTA, Margareth Afeche **Em busca do sentimento da paisagem** Cad. Metrop., São Paulo, v. 18, n. 37, pp. 863-877, set/dez 2016

SANTOS, Sílvia. **Espaços Urbanos expectantes como oportunidades para a requalificação**, entre a Cidade e o Rio (Envolvente da Cordoaria). Dissertação de Mestrado, Lisboa, 2011.

SCHMIDT, Beatriz & CREPALDI, Maria & BOLZE, Simone & NEIVA-SILVA, Lucas & DEMENECH, Lauro. (2020). **Impactos na Saúde Mental e Intervenções Psicológicas Diante da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19)**. 10.1590/SciELOPreprints.58.

TARETTO, Gustavo. **Medianeras: Buenos Aires na Era do Amor Virtual**. Argentina, 2011

TOMÉ, Luciana Mota. **Setor de turismo: Impactos da pandemia**. Caderno setorial ETENE, Fortaleza, agosto 2020.

TELLES, Luiz Benedito de Castro, **Grafite como expressão de arte na paisagem urbana contemporânea: manifestações na cidade de São Paulo**, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo**. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79.

VILLASCHI, João Nazario Simões. **Hermenêutica do patrimônio e apropriação do território em Ouro Preto** - MG. 2014. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Acesso em: 2021-10-21.

Impactos Econômicos da COVID-19 Propostas para o Turismo FGV 2ª EDIÇÃO Junho 2020

Notícia sobre o festival CURA, 2018. Disponível em <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/artistas-come%C3%A7am-a-grafitar-pr%C3%A9dios-do-centro-de-bh-em-nova-edi%C3%A7%C3%A3o-do-cura-1.669563>>

O Abandono do Parque Olímpico, 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=SL3Jlh71Us>>

Projetos agroecológicos durante a pandemia em Ouro Preto. 6 de agosto de 2021. Disponível em <https://lampaodigital.ufop.br/index.php/projetos-agroecologicos-pandemia/>>

Associação de Ouro Preto é uma das pioneiras na reciclagem de vidro em Minas Gerais. Disponível em <https://www.ouopreto.com.br/secao/artigo/associacao-de-ouro-preto-e-uma-das-pioneiras-na-reciclagem-de-vidro-em-minas-gerais>>

11ª CineOp une cinema, TV e educação em Ouro Preto. 22 de junho de 2016. Disponível em <https://www.blogdoarcanjo.com/2016/06/22/11a-cineop-une-cinema-tv-e-educacao-em-ouro-preto/>>

CineOp nos bairros leva cinema e arte para as comunidades de Ouro Preto.

Disponível em <https://jornaloespeto.com.br/2022/03/22/cineop-nos-bairros-leva-cinema-e-arte-para-comunidades-de-ouro-preto/>>

Fundação de Arte de Ouro Preto colore o carnaval da cidade com o projeto Tapume+Arte. 23 de fevereiro de 2017. Disponível em <https://www.foconoticia.com.br/noticia/946/fundacao-de-arte-de-ouro-preto-colore-o-carnaval-da-cidade-com-o-projeto-tapume-arte>

Ouro Preto se tornará a primeira cidade “inteligente” histórica do Brasil. 7 de setembro de 2020. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/946781/ouro-preto-se-tornara-a-primeira-cidade-historica-inteligente-do-brasil>